



**Daniella Singer Algamis**

**Vigilância Eletrônica Interpessoal para  
as Redes Sociais: adaptação e  
evidências de validade da escala para o  
contexto brasileiro e relações da  
vigilância eletrônica com o isolamento  
social devido ao Covid-19**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica)  
do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Jean Carlos Natividade  
Co-orientadora: Profa. Amanda Londero dos Santos

Rio de Janeiro,  
Fevereiro de 2024.



**Daniella Singer Algamis**

**Vigilância Eletrônica Interpessoal para as  
Redes Sociais: adaptação e evidências  
de validade da escala para o contexto  
brasileiro e relações da vigilância  
eletrônica com o isolamento social  
devido ao Covid-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia  
Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão  
Examinadora abaixo:

**Prof. Jean Carlos Natividade**

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof. Vicente Cassepp-Borges**

Universidade Federal Fluminense - UFF

**Profa. Patricia Nunes da Fonseca**

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução total ou parcial do trabalho é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Daniella Singer Algamis**

Graduou-se em Desenho Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio) em 2004. Gradou-se em Direito pela Universidade Cândido Mendes em 2012. É especialista *lato sensu* em Direito pela Universidade Cândido Mendes desde 2019. Graduanda em Psicologia no Instituto D'OR de Pesquisa e Ensino – IDOR. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social (L2PS) da PUC-Rio. Seus interesses de estudo são na área de relacionamentos interpessoais, sejam amistosos, românticos, familiares, , conjugalidade e parentalidade, criança e adolescente e estilos de apego, isolamento social no auge da pandemia da Covid, monitoramento *on-line*, adaptação de instrumentos psicológicos.

#### Ficha Catalográfica

Algamis, Daniella Singer

Vigilância eletrônica interpessoal para as redes sociais : adaptação e evidências de validade da escala para o contexto brasileiro e relações da vigilância eletrônica com o isolamento social devido ao Covid-19 / Daniella Singer Algamis ; orientador: Jean Carlos Natividade ; co-orientadora: Amanda Londero dos Santos. – 2024.

72 f. ; 30 cm

Dissertação(mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Vigilância. 3. Redes sociais online 4. Relações interpessoais. 5. Adaptação. 6. Validade. I. Natividade, Jean Carlos. II. Santos, Amanda Londero dos. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD:150

Ao meu marido  
Mauricio por todo amor,  
parceria e incentivos que  
alimentam meus sonhos.

Aos meus filhos, que  
me ajudaram a enxergar  
que é possível mudar a rota  
da vida para uma direção  
com maior propósito.

A D's que sempre está  
presente e que me  
mostra que com fé,  
confiança, dedicação e  
perseverança é possível  
operar milagres.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, professor Jean Carlos Natividade, por todo aprendizado e busca pelo aperfeiçoamento. Agradeço também à minha coorientadora Amanda Londero-Santos pela atenção e suporte, desde o início do Mestrado, no meu primeiro contato com a Psicologia e pesquisa na área.

Ao CNPq e a PUC-Rio, pelos auxílios concedidos que viabilizaram este trabalho desenvolvido durante esses dois anos de Mestrado. O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Código de Financiamento (131511/2022-0).

Ao meu orientador professor Jean Carlos Natividade, à minha coorientadora professora Amanda Londero-Santos e aos professores Patricia Nunes da Fonseca e Vicente Cassepp-Borges pelas sugestões dadas na qualificação deste projeto, suas observações tiveram uma enorme importância no resultado final deste trabalho. Agradeço também por aceitarem o convite para participar da banca de defesa desta dissertação.

Ao Grupo de Pesquisa em Psicologia Social da PUC-Rio pelo suporte para desenvolvimento desta pesquisa. Um agradecimento especial pela parceria em todas as etapas e pela amizade que cultivamos.

A todos os amigos que acreditaram em mim. Aos amigos que compreenderam minha ausência em tantos momentos e me ajudaram a divulgar esta pesquisa nas redes sociais.

Um agradecimento especial ao meu marido Mauricio Sidi Algamis por me compreender e me ouvir com toda paciência do mundo, por dar suporte ao nosso filho nos finais de semana em que precisei me dedicar à pesquisa, estando sempre ao meu lado em todos os momentos, por comemorar minhas conquistas e por me lembrar sempre do que eu sou capaz. Que sorte ter encontrado minha alma gêmea nesta vida.

O agradecimento mais importante a Deus, que é a fonte de tudo, de onde tudo vem e se torna possível. Sem o seu suporte eu não teria chegado até aqui.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Singer Algamis, Daniella; Natividade, Jean Carlos. **Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais: Adaptação e evidências de validade da escala para o contexto brasileiro e relações da vigilância eletrônica com o isolamento social devido ao Covid-19.** Rio de Janeiro, 2024. 72p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A vigilância eletrônica interpessoal consiste na busca de informações sobre o parceiro amoroso nas redes sociais e visa à obtenção de conhecimento sobre seus comportamentos *off-line* e/ou *on-line*. O objetivo deste estudo foi adaptar e validar a Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais no Brasil (ISS-Brasil). A escala foi traduzida para o português brasileiro e aplicada em uma amostra de 373 participantes, que responderam a um questionário *on-line*. Foi verificada a estrutura empírica da escala, computadas correlações com satisfação no relacionamento, apego adulto, *cyberstalking*, autoestima e isolamento durante a pandemia de Covid em 2020, além de verificada sua consistência interna. Correlacionou-se o escore da escala do grupo de participantes que viviam juntos com seus parceiros amorosos, desde o auge da pandemia da Covid em 2020 até hoje e o grau de isolamento social devido à pandemia. O mesmo foi feito com o grupo dos que viviam separados. Foram testadas diferenças de média da ISS-Brasil entre parceiros amorosos que viviam juntos e separados desde o isolamento de 2020 até o momento presente. Os resultados indicaram que o modelo teve bom ajuste e consistência interna. Não houve correlação significativa da vigilância com o isolamento social. As correlações entre vigilância e *cyberstalking*, apego adulto ansioso e autoestima foram significativas. Participantes que moravam juntos com parceiros amorosos na pandemia apresentaram médias menores na escala ISS-Brasil do aqueles que moravam separados. Os resultados apontam que a ISS-Brasil é adequada para mensurar a vigilância eletrônica interpessoal no contexto Brasil, apreenhando adequadas propriedades psicométricas.

## **Palavras-chave**

Vigilância; Redes Sociais Online; Relações Interpessoais; Adaptação; Validade.



## Abstract

Singer Algamis, Daniella; Natividade, Jean Carlos (Advisor). **Interpersonal Electronic Surveillance for Social Networks: Adaptation and evidence of validity of the scale for the Brazilian context and relations of electronic surveillance with social isolation due to Covid-19.** Rio de Janeiro, 2024. 72p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Interpersonal electronic surveillance involves seeking information about a romantic partner on social media platforms, aiming to gain insights into their offline and/or *on-line* behaviors. This study aimed to adapt and validate the Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Media in Brazil (ISS-Brazil). The scale was translated into Brazilian Portuguese and administered to a sample of 373 participants who completed an on-line questionnaire. The empirical structure of the scale was examined, and correlations were computed with relationship satisfaction, adult attachment, cyberstalking, self-esteem, and isolation during the 2020 Covid pandemic, in addition to verifying its internal consistency. The scores on the scale were correlated within groups of participants who lived together with their romantic partners from the peak of the Covid pandemic in 2020 until the present and the degree of social isolation due to the pandemic. The same was done for the group of participants who lived separately. Mean differences in ISS-Brazil scores between romantic partners living together and apart since the 2020 isolation were tested. The results indicated that the model had a good fit and internal consistency. There was no significant correlation between surveillance and social isolation. Significant correlations were found between surveillance and cyberstalking, anxious adult attachment, and self-esteem. Participants living together with romantic partners during the pandemic had lower mean scores on the ISS-Brazil scale than those living separately. The findings suggest that the ISS-Brazil scale is suitable for measuring interpersonal electronic surveillance in the Brazilian context, presenting adequate psychometric properties.

## **Keywords**

Surveillance; Online Social Networks; Interpersonal Relationships; Adaptation; Validity.

## Sumário

1. Introdução	14
1.1. A IES Scale for SNSs (ISS) – Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network SiteS (ISS)	16
1.2. Vigilância eletrônica interpessoal e o isolamento social dos parceiros amorosos no auge da pandemia da COVID em 2020	18
1.3. Vigilância eletrônica interpessoal e o cyberstalking	20
1.4. Vigilância eletrônica interpessoal e o apego adulto	22
1.5. Vigilância eletrônica interpessoal e satisfação com relacionamento romântico	25
1.6. Vigilância eletrônica interpessoal e a autoestima	26
1.7. Vigilância interpessoal e diferenças entre homens e mulheres	28
1.8. Vigilância eletrônica interpessoal e infidelidade do parceiro amoroso	28
2. Justificativa	30
3. Objetivos	32
4. Hipóteses	33
5. Método	34
5.1. Participantes	34
5.2. Instrumentos	37
5.3. Procedimentos	39
6. Resultados	44
6.1. Análise da estrutura interna	44
6.2. Fidedignidade	46
6.3. Evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis	46
6.4. Diferenças de médias	48
7. Discussão	53
8. Conclusão	59
9. Referências	60
10. Anexos	71



## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Dados sociodemográficos da amostra	36
Tabela 2 – Estatísticas descritivas dos 15 itens da escala de vigilância eletrônica interpessoal para as redes sociais	44
Tabela 3 – Resultados a partir da Análise Fatorial Confirmatória da Escala	45
Tabela 4 – Estatísticas Descritivas e Correlações para Variáveis Do Estudo	46
Tabela 5 - Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (homens e mulheres)	48
Tabela 6 - Estatísticas descritivas dos grupos - homens e mulheres	48
Tabela 7 - Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (fiel versus infiel)	49
Tabela 8 – Estatísticas descritivas dos grupos – fiel versus infiel	49
Tabela 9 - Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (participantes que declaram que o parceiro amoroso já foi infiel e os que declaram que o parceiro amoroso não foi infiel)	50
Tabela 10 - Estatísticas descritivas dos grupos - participantes que declaram que o parceiro amoroso já foi infiel e os que declaram que o parceiro amoroso não foi infiel	50
Tabela 11 - Correlação apenas com participantes do grupo que vivia com o parceiro em isolamento, desde 2020 (até hoje)	51
Tabela 12 - Correlação apenas com participantes do grupo que não vivia com o parceiro em isolamento, desde 2020 (até hoje)	52
Tabela 13 - Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (grupo dos participantes que moravam juntos com seus parceiros amorosos em isolamento social desde 2020 até hoje versus grupo dos participantes que moravam separados)	52

## Introdução

Seguir o perfil do parceiro amoroso em redes sociais pode ser uma importante forma de acompanhar parte central de seu cotidiano. Os indivíduos podem examinar as páginas virtuais das redes sociais de seus parceiros, empregando formas muitas vezes ocultas de vigilância eletrônica interpessoal (Tokunaga, 2011).

Praticada dentro do espaço eletrônico por meio da disponibilidade de diversas redes sociais, a vigilância eletrônica interpessoal pode ser caracterizada nas relações interpessoais como um comportamento de busca de informações em ambiente virtual das redes sociais destinado à obtenção do conhecimento sobre comportamentos *off-line* e/ou *on-line* de um alvo (Tokunaga, 2011). Em se tratando dos relacionamentos românticos, por meio das redes sociais, é possível examinar as páginas virtuais dos parceiros amorosos para coletar informações, verificar as atualizações de status, recursos audiovisuais compartilhados, *feed* de notícias e mensagens trocadas publicamente com terceiros (Boyd, 2008; Walther et al., 2008).

A vigilância eletrônica interpessoal de um parceiro amoroso sobre outro pode ter algumas consequências positivas para os parceiros e para o relacionamento romântico. Do lado positivo, verificou-se que, ao procurar informações *on-line* sobre o outro parceiro, a incerteza de quem vigia o outro e seus comportamentos pode ser reduzida. Isso pode favorecer o aumento da intimidade dos parceiros e facilitação da comunicação, quando os parceiros estão em lugares diferentes (McDaniel & Coyne, 2016). Além disso, a maior interação *on-line* dos parceiros simplifica o compartilhamento de mensagens de amor, contribuindo para a proximidade e manutenção do relacionamento romântico (Lomanowska & Guitton, 2016).

Por outro lado, há diversas outras consequências negativas da vigilância eletrônica interpessoal para os parceiros envolvidos e para o relacionamento romântico como, por exemplo, um estado de alerta aumentado, a insegurança de quem vigia (Andrejevic, 2004). Visitar continuamente a página virtual do outro, a fim de observar suas atividades, pode até agravar a desconfiança e ansiedade de quem vigia, provocar a busca compulsiva de informações sobre o outro em suas redes sociais, violar a privacidade do vigiado, aumentar o conflito com o parceiro e

até levar à dissolução do relacionamento (Lyndon et al., 2011; Marshall, 2012; McDaniel & Coyne, 2016; Muise et al., 2014; Tokunaga, 2011).

Uma simples busca *on-line* de informações sobre o outro é motivada pela curiosidade em geral, mas o comportamento da vigilância eletrônica interpessoal é gerado por ansiedade e/ou desconfiança de quem vigia em relação ao vigiado (Marshall et al., 2013). Sendo assim, os parceiros amorosos inseguros e que exigem segurança relacional contínua há muito usam a vigilância como ferramenta de manutenção relacional (Goodboy & Bolkan, 2011; Guerrero & Afifi, 1998). A vigilância eletrônica interpessoal é considerada uma estratégia de manutenção relacional negativa, pois trata-se de uma estratégia para manter o relacionamento em resposta à prática de comportamentos interpretativamente negativos do parceiro amoroso como, por exemplo, no caso de desconfiança de que o parceiro está sendo infiel (Dainton & Gross, 2008).

Antes da elaboração de uma escala de vigilância eletrônica interpessoal para redes sociais, houve tentativas de operacionalizar este construto, mas que não foram suficientemente adequadas para avaliá-lo (Tokunaga, 2011). Muise et al. (2009), por exemplo, construíram instrumento de um único item em uma tentativa de acessar a vigilância *on-line*, qual seja, o tempo em que os parceiros amorosos gastam nas redes sociais. No entanto, este tempo não implica necessariamente que eles estão usando esses minutos ou horas para exercer vigilância uns sobre os outros (Tokunaga, 2011). Fuchs (2009) desenvolveu uma medida de oito itens para avaliar a vigilância das organizações nas redes sociais e não uma vigilância interpessoal entre parceiros amorosos. Um exemplo de item dessa medida é “as empresas têm um forte interesse no recolhimento de dados pessoais dos utilizadores da internet.” Lampe et al. (2006) desenvolveu uma escala com três itens para medir a vigilância eletrônica interpessoal: “eu checo o perfil do Facebook que eu conheci socialmente”, “obtenho informações sobre pessoas que vivem no meu dormitório, fraternidade ou irmandade” e “obtenho informações sobre as pessoas nas minhas aulas”. Note-se que os itens não são aplicáveis aos parceiros amorosos e nem sempre estão relacionados às redes sociais em geral.

Os instrumentos existentes na literatura não eram válidos nem confiáveis o suficiente para mensurar o construto vigilância eletrônica interpessoal no contexto das redes sociais e entre parceiros amorosos. Nesse sentido, em se tratando da operacionalização da vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais, Tokunaga

(2011) desenvolveu uma escala de vigilância eletrônica interpessoal para redes sociais, a *IES Scale for SNSs (ISS)* – Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS).

### 1.1.

#### **A IES Scale for SNSs (ISS) – Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS)**

Tokunaga (2011) desenvolveu a *Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS)* - Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais. Inicialmente, a escala possuía 15 itens (frases afirmativas) desenvolvidas a partir de literatura relevante, de entrevistas com usuários experientes de redes sociais e de adaptações de itens de medidas de vigilância *offline* e *on-line*. Depois, foi necessário eliminar três itens da escala para aumentar a consistência interna. O corte de itens da escala resultou em uma melhoria geral do modelo de medição. Assim, a escala de Tokunaga (2011) demonstrou consistência interna adequada ( $\alpha = 0,97$ ) em uma estrutura unifatorial, composta por 12 itens de resposta do tipo Likert, de 7 pontos. Os itens são frases afirmativas sobre busca de informações acerca dos parceiros amorosos, que estão disponíveis nas redes sociais, para que os participantes respondam o quanto concordam com cada uma, como “geralmente, estou ciente das relações entre meu parceiro e seus amigos da sua rede social” e “eu tento monitorar os comportamentos do meu parceiro através de sua página de rede social” (Tokunaga, 2011). Pontuações altas na escala indicam maiores níveis da vigilância eletrônica interpessoal no relacionamento romântico.

Além disso, Meraz (2020) adaptou a ISS culturalmente para o México, nomeando-a de *Escala de Vigilancia Electrónica Interpersonal para los sitios de Redes Sociales* [EVEIRS]. No estudo conduzido (Meraz, 2020), a estrutura fatorial unidimensional foi confirmada, após terem sido excluídos os itens 1, 3, 7 e 15 do conjunto original de 15 itens, respondidos em uma escala de tipo Likert de 5 pontos, que pode ser respondida de “1- discordo totalmente” a “5 - concordo totalmente.”. Esta exclusão foi baseada em altas correlações destes itens com outros, ou em residuais superiores a 2,0. O modelo final de medição demonstrou um bom ajuste aos dados, com ( $\chi^2 (44) = 269,8, p > 0,05, CFI = 0,95, SRMR = 0,031, RMSEA = 0,078$ ). Não foi informado índices de confiabilidade pelo autor.



Há pesquisadores que utilizaram a Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal (Tokunaga, 2011) para elaborar outras escalas com o foco na vigilância de ex-parceiros (Lukacs & Quan-Haase, 2015; Tong, 2013). Por exemplo, no estudo de Lukacs e Quan-Haase (2015), realizado no Canadá, a ISS foi reformulada com itens modificados para medir até que ponto um participante monitora os comportamentos de um ex-parceiro no Facebook. Trata-se de uma escala unifatorial com 11 itens, respondidos em uma escala Likert de cinco pontos (1= “discordo fortemente a 5 = concordo fortemente”). Todavia, os autores apenas apresentaram análises descritivas dos itens e consistência interna. O instrumento modificado apresentou alpha de Cronbach de 0,93.

Já no estudo de Tong (2013), a ISS foi reformulada para uma escala de três fatores de 24 itens, respondidos em uma escala Likert de cinco pontos (1= “discordo fortemente a 5 = concordo fortemente”). Nesse sentido, a escala de 15 itens originais de Tokunaga (2011) foi reformulada para examinar outras práticas específicas relacionadas à vigilância eletrônica interpessoal em relacionamentos românticos entre ex-parceiros e algumas delas especificamente no âmbito do Facebook (Tong, 2013). Nos itens originais a palavra “parceiro” foi substituída por “ex-parceiro” e ainda foram acrescentados outros nove itens, avaliando outros tópicos específicos que foram salientados na literatura (Tong, 2013). Tong (2013) não informou o alfa de Cronbach da escala. Os autores apenas apresentaram análises descritivas dos itens e, alguns casos, a consistência interna. Vale destacar, portanto, não é possível considerar os estudos de Lukacs e Quan-Haase (2015) e de Tong (2013) adaptações da escala ISS de Tokunaga (2011).

Destaque-se que, no Brasil, ainda não há uma tradução nem adaptação da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal na Redes Sociais de Tokunaga (2011). Sendo assim, ao adaptar a Escala de Vigilância Interpessoal para as Redes Sociais no Brasil, será possível fazer comparações, o que levará a uma melhor compreensão do construto e suas particularidades em nível nacional e contribuirá para estudos transculturais.

Importante ressaltar que, de acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2016), a participação dos brasileiros em redes sociais é uma das principais atividades *on-line*, com pelo menos 76% dos usuários engajados (Haack & Falcke, 2012). Soma-se ao contexto que a internet é uma plataforma onde indivíduos com perfis variados podem interagir, incluindo o estabelecimento e desenvolvimento de

laços amorosos (Canezin & Almeida, 2015; Freire et al., 2010). Logo, a relevância de monitorar o parceiro *on-line* implica na necessidade de traduzir e adaptar a Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais.

## 1.2.

### **Vigilância eletrônica interpessoal e o isolamento social dos parceiros amorosos no auge da pandemia da Covid em 2020**

A pandemia da Covid-19 consiste em uma das mais graves crises globais de saúde que o mundo testemunhou em um século. A rápida disseminação do vírus fez com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertasse a população mundial sobre os cuidados necessários para evitar o contágio (World Health Organization, 2020). Entre as medidas propostas, o isolamento social, ou seja, o distanciamento físico que reduz o contato entre as pessoas, teve destaque, uma vez que também reduz as chances de infecção (Centers for Disease Control and Prevention, 2020). Restrições pandêmicas produziram separações de pessoas importantes como familiares, amigos, colegas de trabalho e as das redes de apoio. Esse contexto altamente estressante, envolvendo diversos desafios, comprometeu, em muitos casos, a qualidade e estabilidade dos relacionamentos de casais e o funcionamento familiar (Prime et al., 2020).

As medidas de isolamento social para conter a Covid-19 criaram um terreno fértil para problemas de relacionamentos românticos, pois os casais que estiveram confinados dentro de casa foram forçados a equilibrar trabalho, cuidados infantis em tempo integral e o próprio relacionamento, sem recursos sociais para aliviá-los (Overall et al., 2020). A hiperconvivência de casais aumentou o número de oportunidades de atrito nos relacionamentos românticos e de padrões de comunicação negativos (Treter et al., 2021). No contexto brasileiro, por exemplo, com o início da pandemia em março de 2020, verificou-se um aumento exponencial no número de divórcios (De Souza et al., 2022). O Colégio Notarial do Brasil- Conselho Federal (CNB/CF) apontou, no segundo semestre de 2020, uma turgência de 43,8 mil processos de divórcio, sendo este o maior número já registrado no Brasil, totalizando um acréscimo de 15% em relação ao ano anterior (De Souza et al., 2022).

Em contraste com o aumento de tempo compartilhado no mesmo espaço

pelos casais em coabitação, os casais que não moravam juntos experimentaram uma grande privação na convivência, devido a restrições de mobilidade e proibições de viagem (Dewitte et al., 2020), maior distanciamento e intervalo entre visitas. Uma menor intimidade física e aumento de solidão também foram verificados (Mund & Johnson, 2021).

Os casais, em geral, que passam por transições sombrias (como a pandemia, por exemplo), também sofrem com uma turbulência relacional (Brisini & Solomon, 2018), vivenciada como uma avaliação global e persistente do relacionamento como tumultuado, instável, frágil e caótico (Solomon & Priem, 2016). Diante do exposto, é possível pressupor que o “novo normal”, instaurado após a pandemia, ainda sirva como um prolongado estressor para os relacionamentos românticos com seus novos desafios da vida.

O estresse decorrente de desafios crônicos e agudos, como dificuldades econômicas, no trabalho, desafios parentais, riscos de saúde, distanciamento da família, amigos, parceiros, minam processos adaptativos, por meio dos quais os casais administram esses problemas. Exemplos desses processos adaptativos dos casais minados são comunicação pobre, baixa capacidade de resolução de problemas, diminuição dos sentimentos amorosos, lutas pelo poder e dificuldades em gerenciar outros relacionamentos como familiares e amistosos. A ruptura desses processos adaptativos, por sua vez, prejudica a qualidade do relacionamento (Overall et al., 2020). Casais com mais dificuldades de responder a conflitos (Beck et al., 2013; Overall et al., 2015), são menos capazes de melhorar os problemas de relacionamento ou obter apoio de seus parceiros (Jayamaha et al., 2017).

A partir da pandemia da Covid, medidas de isolamento social possivelmente contribuíram para aumentar significativamente o uso excessivo da internet, das redes sociais e os níveis de vigilância eletrônica interpessoal, tanto dos parceiros que viviam, quanto dos que não viviam juntos desde o auge da pandemia em 2020. Nesse sentido, no que diz respeito à vigilância eletrônica interpessoal na pandemia, um estudo prévio sobre intrusão eletrônica, - que possui alguma semelhança com esse construto – relacionada com os ciúmes e incertezas no relacionamento de pessoas casadas e que viviam juntas durante o isolamento social da Covid, revelou que a pandemia foi responsável pelo aumento da incerteza dos casais sobre o futuro de seus relacionamentos (Ligman et al., 2021). Consequentemente, provocou o aumento dos níveis de intrusão eletrônica dos que secretamente obtiveram acesso

ao dispositivo móvel de seu parceiro para vigiar o conteúdo de suas redes sociais (Ligman et al., 2021).

Além disso, uma outra pesquisa (Shafer et al., 2022) sobre casais mais jovens (adultos emergentes), por sua vez mais propensos a intensas reações emocionais e a um aumento de negatividade com a introdução de estressores relacionados à Covid (Goodboy et al., 2021), revelou que a tecnologia social pode ser uma ferramenta por eles utilizada para lidar com o estresse na pandemia. Nesse sentido, os sentimentos de medo, angústia, incerteza vivenciados por esses jovens durante o isolamento social da Covid demonstraram prever a participação na vigilância de mídia social dos parceiros atuais (Goodboy et al.).

A pesquisa de Shafer et al. (2022) também demonstrou que o uso da tecnologia pode ser mais importante nos relacionamentos desses casais mais jovens para apoiar e manter relações românticas, principalmente durante a pandemia e período de isolamento social subsequente, do que entre os adultos mais velhos, pois 54% deles ainda vivem com os pais (U.S Census Bureau, 2018). Isto quer dizer que, em contraste com o aumento do tempo compartilhado e experimentado pelos casais que coabitam, ser privado de ver o parceiro amoroso em contexto de alto estresse pode levar à uma maior insatisfação com o relacionamento dos jovens (Dewitte et al., 2020; Vigl, et al., 2022). Portanto, desejosos de se sentirem mais próximos dos parceiros, aqueles que não vivem juntos estão mais inclinados a vigiar seus parceiros amorosos eletronicamente do que os adultos que vivem juntos (Shafer et al., 2022)

### 1.3.

#### **Vigilância eletrônica interpessoal e o *cyberstalking***

A vigilância eletrônica interpessoal pode estar relacionada com o *cyberstalking*. *Cyberstalking* consiste no uso da internet e de outros dispositivos tecnológicos para monitorar ou assediar outra pessoa de forma ameaçadora, o que pode se tornar intimidante ou invocador de medo (Bocij & McFarlane, 2003; Reyns et al., 2012). O conceito de *cyberstalking* tem um caráter afetivo e/ou sexual (Torres et al., 2014.), pois costuma se tratar de uma perpetração contra o parceiro amoroso ou de uma abordagem ao ex-parceiro (Cavezza & McEwan, 2014; March et al., 2020).

O *cyberstalking* é caracterizado por um padrão de comportamento repetido, intencional, indesejado e malicioso direcionado às vítimas perseguidas (Spitzberg & Cupach, 2007). Tokunaga e Aune (2017) observaram que cerca de 20% a 40% dos usuários da internet são vítimas de *cyberstalking*. O aumento dos índices da prática do *cyberstalking* pode estar relacionado ao fato de haver uma facilidade do anonimato na internet, o que colabora para uma maior proliferação da agressão (Smoker & March, 2017).

Os agressores *cyberstalkers* atuam em forma de assédio, perseguição e agressão em contexto *on-line* (Smith-Darden et al., 2017). Os comportamentos dos *cyberstalkers* incluem monitoramento *on-line*, contato persistente com a vítima ou direcionamento de ameaças em um esforço para manipular, coagir e controlar a vítima por meios digitais (Purcell et al., 2001; Sheridan & Lyndon, 2012). Com a internet, a perseguição se tornou ainda mais fácil, quando comparada aos métodos tradicionais de perseguição, pois o agressor *on-line* (Smoker & March, 2017), pode ter acesso a informações detalhadas da vida da vítima, sobretudo se essa publica em redes sociais fatos da sua vida diária (Eterovic-Soric et al., 2017).

Além disso, o *cyberstalking* é considerado uma forma de violência, porque inclui comportamentos que, através de meios digitais, visam à dominação, à discriminação e, em última instância, o abuso da posição de poder onde o perseguidor tem ou teve alguma influência afetiva sobre a vítima e/ou relação sexual com a pessoa assediada (Torres et al., 2014). O *cyberstalking* abrange comportamentos de controle *on-line* e vigilância eletrônica interpessoal (Baker & Carreño, 2016; Strawhun et al., 2013).

A vigilância eletrônica interpessoal pode ser considerada um comportamento semelhante no que tange à verificação e revisão frequentes da presença *on-line* de uma pessoa, muitas vezes realizada pelo parceiro amoroso que passa muito tempo monitorando o comportamento *on-line* da pessoa sem seu conhecimento direto (Elphinston & Noller, 2011; Fox et al., 2014; Marshall, 2012; Tokunaga & Gustafson, 2014). A prática do *cyberstalking* é mais prejudicial ao parceiro em relação à mera vigilância eletrônica interpessoal, na medida em que não leva necessariamente ao assédio nem danos (Spitzberg & Hoobler, 2002). A vigilância eletrônica interpessoal baseia-se na observação ou monitoramento cuidadoso do parceiro amoroso ou do ex-parceiro para obter informações devido à desconfiança e insegurança (Tokunaga, 2016). Já o *cyberstalking* tem como

objetivo dominar e administrar a vida do parceiro amoroso ou do ex-parceiro (Smoker & march, 2017). Os *cyberstalkers* costumam se envolver em comportamentos extremos de perseguição em um esforço para evitar custos emocionais e econômicos de uma potencial dissolução de seus relacionamentos românticos (Davis et al., 2000). A vigilância eletrônica interpessoal ocorre apenas no âmbito das redes sociais, ao passo que o cyberstalking pode ser praticado também por meio de outros dispositivos eletrônicos como *webcams* ocultas, dispositivos GPS e *spyware* para monitorar o comportamento da vítima e de arquivos profissionais falsos (Sheridan & Grant, 2007; Shorey et al., 2015).

De todo modo, já que o cyberstalking é igualmente um tipo de monitoramento *on-line* e que pode ser praticado sobre os parceiros amorosos nas redes sociais, foi selecionado neste estudo como um construto para a validação e adaptação da *Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS)* no contexto brasileiro. O tempo gasto nas redes sociais aumenta as chances de o indivíduo ser vítima de cyberstalking e também de vigilância eletrônica interpessoal, o que aumenta a conexão entre estes comportamentos (Marcum & Higgins, 2021).

#### 1.4.

#### **Vigilância eletrônica interpessoal e o apego adulto**

A vigilância eletrônica interpessoal pode se relacionar com o modelo de funcionamento de apego. Apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego, que, na infância, é o cuidador da criança. No relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que seja usado como uma "base segura", a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (Bowlby, 1979,1997).

Bowlby (2002) elaborou a teoria sobre o modelo interno de funcionamento do apego estabelecido nas relações entre crianças e seus cuidadores. Além da Teoria da Apego de Bowlby, o estudo de Ainsworth (1963) sobre o apego investigou fatores determinantes da proximidade/intimidade expressa no comportamento de interação de crianças com suas mães. Após a publicação do seu estudo, realizado em Uganda, houve uma grande colaboração intelectual entre Ainsworth e Bowlby. Assim, os trabalhos de Ainsworth (1985) sobre o desenvolvimento socioemocional

durante os primeiros anos de vida evidenciaram que o modelo de apego que um indivíduo desenvolve durante a primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como os cuidadores primários (pais ou pessoas substitutas) o tratam, além de estar ligado a fatores temperamentais e genéticos.

As crianças que construíram o estilo de apego seguro aprenderam que seus cuidadores - pelo menos um deles - as amam, as valorizam e as cuidam de forma eficaz. Sentem-se bem na presença e interação com as figuras de apego e, por isso, comportam-se de forma muito ativa e confiante, interagindo positivamente com as figuras de apego (Sánchez Herrero, 2011). A harmonia dessa interação íntima é fruto do sucesso na disponibilidade e acessibilidade dos cuidadores, em sua pronta resposta afetiva e eficaz às demandas da criança. Assim, a criança aprende a se sentir segura e amada, a confiar nos outros e a conhecer seu valor (Sánchez Herrero, 2011).

As crianças que desenvolveram o estilo de apego inseguro evitativo aprenderam que, na realidade, não podem contar com suas figuras de apego, pois estas não as amam, não as valorizam ou não têm capacidade para ajudá-las (Sánchez Herrero, 2011). O sofrimento que esta rejeição ou falta de resposta dos cuidadores lhes causa, é tão grande, que são obrigadas a viver sem a ajuda deles (Sánchez Herrero). Essas crianças aprendem a não expressar ou a não compreender as emoções dos outros, para evitar contato emocional frustrante. Temem e rejeitam a intimidade e se comportam como não se importassem com ela, evitando relacionamentos íntimos, expressões de afeto espontâneos e relaxadas (Sánchez Herrero, 2011).

As crianças que construíram um padrão de apego inseguro ansioso precisam de muita aprovação para que lhes seja demonstrado repetidamente que são amadas, que seus afetos estão disponíveis (Sánchez Herrero, 2011). Temem ser abandonadas e, por isso, monitoram continuamente a presença das figuras de apego. A preocupação de como será esse relacionamento e a necessidade de confirmar repetidamente que é amada, bem como a necessidade de manter a presença dos cuidadores é uma das características centrais deste estilo de apego. Isto ocorre devido à incoerência no comportamento dos cuidadores, por causa de muitas críticas negativas sobre o valor dos filhos, chantagem emocional como forma de disciplina, a própria instabilidade na relação entre os pais, ansiedade emocional dos próprios cuidadores (Sánchez Herrero, 2011).

Os diversos estilos de apego estabelecidos na infância trariam repercussões nas interações da vida adulta (Hazan & Shaver, 1987; Shaver et al., 1988). Na vida adulta, um importante preditor da satisfação com o relacionamento romântico é o apego (Londero-Santos et al., 2020). A relação entre estilos de apego e o amor adulto se dá a partir de modelos internos de funcionamento aprendidos na infância, que tendem a ser mantidos e reforçados na interação com os outros. Isso acontece porque os indivíduos são propensos a se colocar em situações que reforçam os seus modelos precoces de funcionamento (Martins-Silva et al., 2013). As propostas mais representativas para a teoria de apego no adulto utilizam os três padrões de apego delineado por Mary Ainsworth: apego seguro, apego ansioso e apego evitativo (Shaver et al., 1988).

Na vida adulta, os indivíduos com apego seguro percebem como mais satisfatória, afetuosa, amigável e confiante a relação com o parceiro amoroso. Já aqueles que apresentam apego inseguro evitativo (associado com um cuidado insensível durante a infância) sentem-se incomodados com a proximidade física e emocional com o parceiro amoroso. Os adultos com altos níveis de evitação relacionada ao apego, quando suspeitam de seus parceiros, desativam as estratégias para lidar com ameaças, utilizam-se de um distanciamento defensivo do parceiro, negação de necessidade de intimidade e desvio da atenção do parceiro. Nesse sentido, os adultos com evitação relacionada ao apego seriam menos propensos a checar a página do Facebook, por exemplo, do seu parceiro (Marshall et. al., 2013).

Por último, os com ansiedade relacionada ao apego (que remete a um cuidado inconsistente durante a infância) possuem uma maior necessidade de desejo por união e reciprocidade com o parceiro amoroso (Natividade & Shiramizu, 2015). Eles são excessivamente focados em suas necessidades de apego e desejam intensamente proximidade e intimidade em seus relacionamentos (Etcheverry et al., 2013). Destaque-se, por outro lado, que os adultos com altos níveis de ansiedade relacionada ao apego, por não acreditarem que são dignos do amor de seu parceiro, tendem a ter medo de serem abandonados e podem se tornar especialmente hipervigilantes (Feeney et al., 1998). Considerando, por fim, que os adultos com apego ansioso possuem autopercepções negativas, eles tendem a suspeitar mais e a se preocupar se seus parceiros irão trocá-los por outra pessoa (Guerrero, 1998), aumentando, assim, a vigilância para ameaças extra diádicas e do comportamento dos parceiros em busca de sinais de declínio de interesse (Marshall et al., 2013).



Como visto, o apego ansioso tem efeitos negativos na percepção da qualidade do relacionamento (Wang et al., 2017) e, conseqüentemente, as pessoas com altos níveis de apego ansioso também são significativamente e positivamente relacionadas com a vigilância eletrônica, conforme resultado dos estudos de Marshall et al. (2013) sobre vigilância no Facebook. Os resultados do modelo de regressão mostraram que a vigilância do Facebook predisse positivamente o apego ansioso (Marshall et al., 2013).

## **1.5.**

### **Vigilância eletrônica interpessoal e satisfação com relacionamento romântico**

A satisfação com o relacionamento romântico também pode ser um dos fatores relacionados à vigilância eletrônica interpessoal. Segundo Londero-Santos et al. (2021), a satisfação pode ser considerada uma atitude frente ao relacionamento com o parceiro amoroso e, assim, ela se refere a uma associação entre o conceito relacionamento e a avaliação sobre esse conceito. A satisfação com o relacionamento romântico tem impacto em diversos desfechos positivos, por exemplo, na satisfação sexual com o parceiro (e.g., McNulty et al., 2016), na saúde e bem-estar (e.g., Hollist et al., 2016; Londero-Santos et al., 2017) e na persistência e manutenção do relacionamento (e.g., Rusbult et al., 2011; Weiser & Weiser, 2016),

Além disso, a satisfação conjugal diz respeito a um estado psicológico que monitora os custos e benefícios associados a um relacionamento romântico específico (Shackelford & Buss, 1997). Segundo Rusbult (1980), a satisfação com o relacionamento é o resultado do grau em que um indivíduo experimenta afetos positivos ou negativos como resultado do seu relacionamento. Ainda, para determinar o nível de satisfação com o relacionamento, as experiências de afetos positivos (benefícios) e/ou negativos (custos) seriam comparadas com as expectativas de um indivíduo sobre relacionamentos românticos no geral. Por exemplo, se um indivíduo espera que em relacionamentos românticos se vivenciem mais custos do que benefícios, em um relacionamento em que ele receba moderado benefício, esse indivíduo estaria satisfeito em seu relacionamento. Já um indivíduo que espera alto benefício e baixo custo, no mesmo relacionamento citado

anteriormente, se encontraria insatisfeito.

Nesse sentido, a satisfação com o relacionamento romântico pode ser interpretada a partir de uma perspectiva de troca social, ou seja, parceiros amorosos satisfeitos acreditam que os benefícios dos quais usufruem em seus relacionamentos superam os seus custos, atendendo ou excedendo as expectativas desejadas. Desse modo, a satisfação é maior nos relacionamentos onde as necessidades mais vitais dos parceiros são atendidas (Rusbult et al., 1998).

Por outro lado, parceiros amorosos ficam cada vez mais insatisfeitos quando companheirismo e outras necessidades relacionais não são atendidas. Pesquisas anteriores encontraram uma relação negativa entre satisfação com o relacionamento romântico e estratégias de manutenção relacional negativa, como a vigilância eletrônica interpessoal (Dainton & Gross, 2008; Goodboy & Bolkan, 2011; Goodboy et al., 2010).

A vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais é uma estratégia de manutenção relacional negativa, pois tem sido colocada ao lado de comportamentos interpretativamente negativos como suspeita de envolvimento do parceiro em infidelidade, indução de ciúmes e estilos de conflito destrutivos (Dainton & Gross, 2008). Nesse sentido, a baixa satisfação com o relacionamento romântico se destaca como um importante antecedente de comportamento de manutenção relacional negativo (Rusbult et al., 2011; Weiser & Weiser, 2016) como a vigilância eletrônica *on-line*. Quanto menor a satisfação, maior a vigilância, ou seja, quando as pessoas avaliam negativamente seus relacionamentos, elas podem aumentar os níveis de vigilância eletrônica dos parceiros amorosos nas redes sociais, com o intuito de tentar reduzir suas incertezas sobre os parceiros e poder reassegurar seus relacionamentos. (Tokunaga, 2016).

## 1.6.

### **Vigilância eletrônica interpessoal e a autoestima**

A vigilância eletrônica interpessoal pode estar relacionada com a autoestima. A autoestima representa um aspecto avaliativo do autoconceito, que, por sua vez, refere-se à totalidade de crenças do indivíduo sobre si mesmo, isto é, sua autopercepção global (Heatherton & Wyland, 2003). Isto quer dizer que a autoestima consiste num conjunto de sentimentos e crenças referentes ao *self*. Trata-

se, portanto, de uma orientação positiva (autoaprovação) ou negativa (depreciação) de voltar-se para si mesmo e, nesta concepção, a autoestima é a representação pessoal dos sentimentos gerais e comuns de autovalor (Kernis, 2005).

Autoestima não reflete necessariamente os talentos e habilidades objetivos de uma pessoa ou mesmo como uma pessoa é avaliada por outras e é comumente conceituada como sentimento de que alguém é bom o suficiente. Indivíduos com alta autoestima não necessariamente acreditam que são superiores a outros (Rosenberg, 1965). Assim, a autoestima envolve sentimentos de autoaceitação e respeito próprio (Ackerman et al., 2011).

O indivíduo se autoavalia a partir dos sentimentos e crenças sobre si mesmo durante a formação de sua identidade e, mais à frente, a partir da forma como é visto por figuras significativas de seu meio social (Heatherton & Wyland, 2003; Schultheisz & Aprile, 2015). Os relacionamentos familiares são os primeiros a exercer um papel fundamental na visão e aceitação da criança de si mesma. Posteriormente, a educação formal e as novas interações sociais passam a influenciar também a constituição da autoestima. Ademais, a percepção que o indivíduo tem de si mesmo é, também, capaz de influenciar o modo como se apresenta publicamente aos outros, desenvolve e mantém relações interpessoais, inclusive no ambiente virtual, em redes sociais (Fagundes, 2019).

A alta autoestima é um preditor de sucesso na vida, incluindo satisfação nos relacionamentos íntimos (Orth & Robins, 2014). Em se tratando dos relacionamentos românticos, para Buss (2000), o ciúme é, por outro lado, uma resposta defensora e protetora da autoestima quando um sujeito se sente substituído de forma imaginária ou real por um rival. Neste cenário, a autoestima decresce e surge o sentimento de ciúmes. Associada ao ciúme, a baixa autoestima faz com que a pessoa acredite ser inferior ao parceiro amoroso que está envolvido com um rival. Quanto mais rebaixada a autoestima, maior será a intensidade do ciúme sentido (DeSteno et. al, 2006).

Além disso, Marshall et al. (2013) verificaram em seus estudos que a ansiedade relacionada ao apego está positivamente associada e a evitação relacionada ao apego está negativamente associada aos ciúmes e à vigilância eletrônica no Facebook. Seus estudos revelaram que os indivíduos altos em ansiedade relacionada ao apego tendiam a verificar a página do parceiro do Facebook com mais frequência, em parte, porque sentiam mais ciúmes diariamente,

enquanto os indivíduos altos em evitação relacionada ao apego pareciam evitar olhar a página do Facebook completamente. A associação da ansiedade relacionada ao apego com maior vigilância foi mediada em parte pelas experiências de ciúmes. Nesse sentido, podemos presumir que a autoestima deve estar negativamente relacionada com a vigilância eletrônica interpessoal para as redes sociais.

### 1.7.

#### **Vigilância eletrônica interpessoal e diferenças entre homens e mulheres**

Em contextos *on-line*, as mulheres tendem a passar mais tempo nas redes sociais quando comparadas com usuários homens (por exemplo, Hargittai, 2007; Muise et al., 2009). Isto não significa, contudo, que as mulheres utilizem este tempo para pesquisar perfis de outras pessoas. Em vez disso, elas podem, por exemplo, dedicar mais tempo para conversar com amigos ou fazer a manutenção de seus perfis (Tokunaga, 2011).

Há poucas evidências sobre diferença entre homens e mulheres nos comportamentos de vigilância para poder fazer previsões sobre as suas relações com a vigilância nas redes sociais (Tokunga, 2011). No estudo de Muise et al. (2014), os resultados indicaram que os sentimentos de ciúmes levam o parceiro amoroso ao Facebook® e, neste cenário, as mulheres são particularmente mais propensas a se envolverem no monitoramento *on-line* do parceiro em resposta a ciúmes.

### 1.8.

#### **Vigilância eletrônica interpessoal e infidelidade do parceiro amoroso**

Os ciúmes têm sido discutidos tanto como possível causa, quanto consequência da prática da vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais (Muise et al., 2009; Phillips & Spitzberg, 2009). Há circunstâncias em que a vigilância pode exacerbar o ciúme, como a infidelidade do parceiro amoroso (Buunk & Dijkstra, 2004).

Marshall et al. (2013) verificaram que aqueles que sentem mais ciúmes

diariamente de seus parceiros, tendem a verificar a página do parceiro do Facebook com mais frequência. Sendo assim, provavelmente quem já foi traído pelo parceiro tende a praticar mais a vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais. Após uma traição, uma das principais maneiras pelas quais é possível gerenciar uma reação traumática e reestabelecer sensação de controle do relacionamento seria a vigilância do parceiro (Hertlein et al., 2017). O ciúme decorrente da infidelidade anterior do parceiro amoroso pode trazer necessidade de reduzir incertezas sobre o seu interesse atual no relacionamento, por meio da coleta , nas redes sociais, de informações novas sobre seus comportamentos. No caso em que as pessoas descobrem infidelidade de seu parceiro, a vigilância pode ser usada para verificar se a infidelidade é ou não contínua (Tokunaga, 2011).

## 2

### Justificativa

Participar das redes sociais é uma forma importante de permanecer como parte central do cotidiano do parceiro amoroso. Os indivíduos podem examinar as páginas virtuais das redes sociais dos parceiros para reunir informações, empregando formas muitas vezes ocultas de vigilância eletrônica interpessoal (Tokunaga, 2011). Em resposta à ausência de uma medida operacional confiável e válida anterior para o construto da vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais, Tokunaga (2011) desenvolveu a *Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS)* - Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais.

Verificou-se que no Brasil não havia uma tradução nem adaptação da ISS. Ocorre que a internet é um espaço no qual pessoas de diferentes perfis podem interagir, buscando e desenvolvendo vínculos amorosos (Canezin & Almeida, 2015; Freire et al., 2010), além de monitorar o outro, inclusive no Brasil. Esse é um dos motivos pelo qual pode ser relevante traduzir e adaptar a ISS para o contexto brasileiro (ISS-Brasil).

Além disso, a escala ISS-Brasil pode ser útil para fins acadêmicos, como, por exemplo, na investigação da relação da vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais com variáveis estudadas na psicologia, como *cyberstalking*, apego adulto, satisfação com o relacionamento romântico e autoestima. Outro exemplo é a contribuição para realização de estudos sobre diferenças entre grupos, tais como a prática de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais entre mulheres e homens e pessoas fiéis e infiéis. É possível também que o instrumento seja útil para fins de pesquisa sobre a compreensão da prática de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais durante o isolamento social ao qual os parceiros amorosos se submeteram no auge da pandemia da Covid, desde 2020 até hoje.

Adaptações e reformulações da ISS foram realizadas em outros países (Lukacs & Quan-Haase, 2015; Meraz, 2020; Tong, 2013). Sendo assim, ao adaptá-la para o Brasil, será possível fazer comparações, o que levará a uma melhor compreensão do construto e suas particularidades em nível nacional e contribuirá para estudos transculturais.

Por fim, a ISS-Brasil revela-se proveitosa não apenas para propósitos acadêmicos e de pesquisa. O instrumento também é passível de aplicação no contexto clínico, onde pode ser utilizado em avaliações psicológicas, com o intuito de aprimorar a qualidade e funcionalidade dos relacionamentos românticos.

### **3 Objetivos**

Este estudo teve como objetivo geral adaptar para o contexto brasileiro a Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais.

Objetivos específicos são:

1. Caracterizar a estrutura fatorial da ISS-Brasil.
2. Computar indicadores de fidedignidade da ISS-Brasil.
3. Investigar correlações da vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais com o grau de isolamento social durante o auge da pandemia em 2020, o *cyberstalking*, o apego adulto (ansioso/evitativo), a satisfação no relacionamento romântico e a autoestima.
4. Testar diferenças nas correlações entre vigilância eletrônica interpessoal e o grau de isolamento social durante o auge da pandemia entre grupo de parceiros amorosos que o viveram morando juntos e o grupo de parceiros amorosos que o viveram morando separados, desde 2020 até hoje.
5. Testar diferenças de grupos entre homens e mulheres nos níveis de vigilância eletrônica interpessoal.
6. Testar diferenças de grupos entre participantes que declararam que seus parceiros amorosos foram fiéis e os que declararam que seus parceiros amorosos foram infiéis nos níveis de vigilância eletrônica interpessoal.



## 4

### Hipóteses

De acordo com os achados apresentados acima, apresenta-se as seguintes hipóteses deste estudo: (H1) a estrutura fatorial da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais é unidimensional, como no estudo original de Tokunaga (2011). (H2): a vigilância eletrônica interpessoal apresenta correlação positiva e significativa com o grau de isolamento social durante o auge da pandemia em 2020. (H3): a vigilância eletrônica interpessoal apresenta correlação positiva e significativa com o *cyberstalking*. (H4): a vigilância eletrônica interpessoal apresenta correlação positiva e significativa com ansiedade relacionada ao apego. (H5): a vigilância eletrônica interpessoal tem correlação negativa e não significativa com evitação relacionada ao apego. (H6): a vigilância eletrônica interpessoal apresenta correlação negativa e significativa com a satisfação com o relacionamento romântico. (H7): a vigilância eletrônica interpessoal apresenta correlação negativa e significativa com a autoestima. (H8): os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais de parceiros amorosos que viveram o isolamento social separados desde 2020 até hoje são maiores do que os praticado pelo grupo de parceiros amorosos que o viveram morando juntos, desde 2020 até hoje (H9) os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais pelas mulheres são maiores do que os dos homens. (H10) os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais pelos participantes que declararam que seus parceiros amorosos já foram infiéis são maiores do que os que declararam que seus parceiros não foram infiéis.

## 5

### Método

#### 5.1.

#### Participantes

Para seleção dos participantes foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos e estar em um relacionamento romântico. Foram excluídos os participantes cujos parceiros(as) não usavam rede social e que responderam ao item controle (i.e., “essa é apenas uma frase de controle, por favor, assinale como resposta o número dois”) da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais (ISS) de maneira errada. Dos 875 participantes que acessaram o questionário *on-line*, 03 deles declararam ser menores de 18 anos de idade e outros 03 declararam que os parceiros são menores de 18 anos de idade. Além disso, 306 participantes responderam que não estavam em um relacionamento romântico ou deixaram esta pergunta em branco. Outros 100 participantes declararam que não usam/não têm redes sociais ou deixaram essa pergunta em branco e 12 participantes declararam que o parceiro romântico não usa ou não tem rede social. Por fim, 78 participantes responderam de forma errada ou deixaram em branco pergunta controle da escala ISS-Brasil. Após aplicar os critérios de exclusão, a amostra final ficou composta por 373 (42,6%) participantes.

A média da idade dos participantes foi de 44,71 anos ( $DP = 13,95$ ). Além disso, 43,2% ( $n = 161$ ) declararam ser homens, 56,6% ( $n = 211$ ) mulheres e 0,3% ( $n = 1$ ) não binário. A amostra foi predominantemente heterossexual, 91,7% ( $n = 342$ ), branca, 78,3% ( $n = 292$ ) com pós-graduação completa, 47,7% ( $n = 178$ ) e residente do estado do Rio de Janeiro, 79,4% ( $n = 296$ ). Com relação aos participantes terem filhos, em sua maioria, 51,5% da amostra ( $n = 192$ ) relatou ter filhos juntamente com seus parceiros, sendo que 9,4% ( $n = 35$ ) não responderam a essa questão. Uma descrição mais detalhada sobre os dados sociodemográficos da amostra pode ser vista na Tabela 1.

Em relação ao isolamento social durante o auge da pandemia da Covid, no ano de 2020, em graus variando de 0% a 100% de isolamento, o grau de isolamento dos participantes, em média, foi de 69,51% ( $DP = 27,50$ ). A média de tempo de

isolamento dos participantes em meses foi de 11,65 ( $DP = 6,99$ ), com mínimo de zero meses e máximo de 48,99 meses. Além disso, 69,7% da amostra ( $n=260$ ) afirmou que o parceiro atual estava morando junto na época do isolamento social na pandemia da Covid e 44,5% ( $n = 166$ ) encontrava o parceiro amoroso com a mesma frequência de antes do início do isolamento social.

Em relação ao relacionamento romântico, 60,6% da amostra ( $n = 226$ ) declarou estar casada com seu parceiro e 94,6% da amostra ( $n = 353$ ), classificou seu relacionamento romântico atual como monogâmico. 57,1% da amostra ( $n = 213$ ) afirmou que seu atual parceiro de relacionamento é homem. A média de idade do parceiro é de 44,96 ( $DP = 13.64$ ), sendo a idade mínima 18 anos e a máxima 80 anos. A média de tempo de relacionamento dos participantes é de 175,78 meses. Com relação ao quão comprometido o participante considerou que é o seu relacionamento romântico atual, em graus variando de 0% a 100% comprometido, o grau de compromisso dos participantes, em média é de 92,55% ( $DP = 16,33$ ). Dos participantes, 62,2% ( $n = 232$ ) afirmaram se encontrar com o parceiro amoroso todos os dias da semana e 75,1% ( $n = 280$ ) da amostra respondeu que, na maior parte do tempo, mora junto com seu parceiro na mesma casa. 82% da amostra ( $n = 306$ ) afirmou que não traiu o parceiro atual. 88,5% da amostra ( $n = 330$ ) afirmou que seu parceiro não traiu nem foi infiel.

A rede social mais frequentemente utilizada foi o *Whatsapp*®, sendo citada por 97,9% da amostra ( $n = 365$ ) como sendo a de maior uso. A segunda mais utilizada foi *Instagram*® (93,03%;  $n = 365$ ) e, em terceiro lugar, o *Facebook*® (74,3%;  $n = 277$ ). No campo “outros”, 22 participantes informaram usar o *Twitter*®. O participante passa visualizando ou checando as suas próprias redes sociais em um dia comum em média 3,65 horas ( $DP = 3,38$ ). Com relação ao uso de rede social pelo parceiro amoroso, a maioria dos participantes (96,8%;  $n = 361$ ) afirmou que o parceiro amoroso utiliza, em primeiro lugar, o *Whatsapp*®. Em segundo lugar, o *Instagram* (83,9%;  $n = 313$ ) e, em terceiro lugar o *Facebook*® (61,9%;  $n = 231$ ). No campo “outros”, 18 participantes informaram que o parceiro usa o *Twitter*®.

**Tabela 1***Dados sociodemográficos da amostra*

Participantes	Frequência	Porcentagem (%)
<i>Sexo</i>		
Homem	161	43,2
Mulher	211	56,6
Não-binário	1	0,3
<i>Orientação sexual</i>		
Heterossexual	342	91,7
Homossexual	15	4,0
Bissexual	15	4,0
Pansexual	1	0,3
<i>Etnia/Raça</i>		
Amarela	5	1,3
Branca	292	78,3
Parda	30	8,0
Preta	10	2,7
Não sei/ não quero informar	1	0,3
<i>Escolaridade</i>		
Ensino fundamental completo	1	0,3
Ensino médio incompleto	3	0,8
Ensino médio completo	20	5,4
Ensino superior incompleto	43	11,5
Ensino superior completo	117	31,4
Pós-graduação incompleta	11	2,9
Pós-graduação completa	178	47,7
<i>Localidade</i>		
Não estou no Brasil	12	3,2
Amazonas	1	0,3
Bahia	10	2,7
Ceará	3	0,8
Distrito Federal	4	1,1
Espírito Santo	4	1,1
Maranhão	1	0,3
Minas Gerais	8	2,1
Paraná	1	0,3

Pernambuco	8	2,1
Rio de Janeiro	296	79,4
Rio Grande do Sul	2	0,5
Santa Catarina	1	0,3
São Paulo	22	5,9

## 5.2.

### Instrumentos

Para a coleta de dados, foi disponibilizado um questionário *on-line* que apresentava, em sua primeira página, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido da opção “você tem 18 ou mais anos de idade” e “aceita participar da pesquisa e preencher o questionário”, com possibilidade de assinalar a resposta “sim” ou “não” (opção que encaminhava o participante diretamente para uma página final de agradecimento). Ao aceitar participar da pesquisa, os respondentes eram direcionados à outra página que continha questões sociodemográficas, como: sexo, idade, escolaridade, entre outras informações pertinentes ao objetivo do estudo, perguntas sobre relacionamentos românticos, tais como: status do relacionamento romântico, tipo de relacionamento, grau de compromisso dos participantes, tempo de duração do relacionamento atual, entre outras. Além dessas, foram incluídas perguntas sobre o uso de redes sociais, como: quais redes sociais o participante e o parceiro usam, tempo de uso das redes sociais e perguntas sobre isolamento social no auge da pandemia em 2020, tais como: avaliação do grau em que o participante considera que se isolou socialmente, o tempo em que o participante ficou em isolamento social por conta da pandemia, entre outras. O questionário estava configurado para não permitir respostas omissas aos itens da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais, além de contar com questões controle incluídas em várias partes do questionário a fim de verificar a veracidade das respostas dos participantes (e.g., “Essa é apenas uma frase de controle, por favor, marque como resposta o número seis”).

Ao finalizar o questionário, os participantes foram encaminhados para uma página com um agradecimento por sua participação na pesquisa. Um campo de resposta aberta foi disponibilizado para que o participante deixasse sua opinião ou qualquer tipo de comentário sobre a pesquisa, caso desejasse. Adicionalmente, o questionário continha os seguintes instrumentos.

***IES Scale for SNSs (ISS)*** – ***Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites (ISS)*** (Tokunaga, 2011). A Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais foi adaptada neste estudo para o Brasil (ISS-Brasil) a partir do instrumento de Tokunaga (2011). A escala original foi desenvolvida para medir de forma operacional a vigilância eletrônica interpessoal e, em sua versão final, é composta por 12 itens em uma escala unifatorial do tipo Likert de sete pontos, em formato de afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com elas, em uma escala de sete pontos, sendo 1= “discordo fortemente” e 7= “concordo fortemente”. Exemplos de itens são: “Eu visito o(s) perfil (is) da(s) rede(s) social (is) do (a) meu (minha) parceiro (a) frequentemente” e “Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu (minha) parceiro (a) e seus amigos da rede social.” No estudo original de Tokunaga (2011) a escala apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,97.

***Intimate Partner Cyberstalking Scale (IPCS): versão brasileira*** (Silva et al., 2021). A IPCS foi adaptada para o Brasil a partir do instrumento de Smoker e March (2017), para avaliar de maneira global os comportamentos de perpetração do *cyberstalking*. A escala apresenta estrutura unifatorial e é composta por 21 itens em formato de afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com elas, em uma escala de cinco pontos, sendo 1= “discordo fortemente” e 5= “concordo fortemente”. Exemplos de itens são: “Se meu (minha) parceiro (a) sair, possivelmente verificarei suas contas *on-line* (*Facebook, Twitter, Instagram, etc*) para verificar o que ele (a) está fazendo” e “Já tirei ‘*prints*’ (capturas de tela) de informações encontradas no telefone/computador do meu parceiro sem que ele (a) soubesse.” No estudo de Silva et al. (2021) a escala apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,93 e neste estudo o coeficiente alpha foi 0,89.

***Versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida - ECR-R-Brasil*** (Natividade & Shiramizu, 2015). A ECR-R-Brasil foi adaptada para o Brasil a partir do instrumento de Wei et al. (2007) e afere dois fatores do apego adulto: ansiedade e evitação no contexto dos relacionamentos românticos. A ECR-R-Brasil é composta por 10 itens em formato de afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com elas, em uma escala de sete pontos. Dos 10 itens, 5 são para dimensão da ansiedade relacionada ao apego e os outros 5 para dimensão da evitação relacionada ao apego. Contém, portanto, 2 fatores. Os itens são frases afirmativas para que os participantes respondam o

quanto concordam com cada uma, sendo 1= “discordo totalmente” e 7= “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Ajuda muito poder contar com meu (minha) parceiro (a) em momento de necessidade” e “Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por meu (minha) parceiro (a).” No estudo de Natividade e Shiramizu (2015) a escala apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,73 para ambos os fatores e neste estudo os coeficientes alpha para os fatores foram 0,71 para ansiedade e 0,64 para evitação.

***Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso – Revisada - ENSRA-R;*** (Londero-Santos et al., 2021). Trata-se de uma versão adaptada para o Brasil por Londero-Santos et al. (2021) da escala de Rusbult et al. (1998), com o objetivo de medir a satisfação com o relacionamento amoroso. A escala apresenta estrutura unifatorial, e é composta por 5 itens em formato de afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com elas, em uma escala de nove pontos, sendo 0= “discordo completamente” e 8= “concordo completamente.” Exemplos de itens são: “Eu me sinto satisfeito (a) com o nosso relacionamento” e “Nosso relacionamento me faz feliz.” No estudo de Londero-Santos et al. (2021) a escala apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,91 e neste estudo o coeficiente alpha foi 0,93.

***Escala de autoestima de Rosenberg*** (Hutz, 2000) – foi adaptada para o Brasil a partir do instrumento de Rosenberg (1979). A escala apresenta estrutura unifatorial e é composta por 10 itens relacionados a um conjunto de sentimentos de autoestima e autoaceitação que avalia a autoestima global, em formato de afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com elas, em uma escala de quatro pontos, sendo 1= “discordo totalmente” e 4= “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades” e “Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesma (o)”. No estudo de Rosenberg (1979) a escala apresentou coeficiente alpha de Cronbach de 0,90 e neste estudo o coeficiente alpha foi 0,88.

### 5.3.

#### Procedimentos

*De tradução e adaptação do instrumento.* Para tornar um instrumento apto para ser utilizado em outro contexto cultural, é fundamental um processo de

adaptação transcultural, tornando possível manter a equivalência entre as versões original e traduzida, o que é essencial para que suas características e aplicação permaneçam invariáveis em contextos culturais distintos. Para tanto, a adaptação transcultural necessita de uma metodologia a ser seguida para alcançar equivalências na tradução e adaptação entre o instrumento original e o idioma alvo a ser traduzido (Beaton et al., 2000). Assim, foram realizadas quatro etapas para a adaptação cultural da Escala ISS: (1) traduções independentes; (2) síntese das traduções; (3) tradução reversa da síntese; e (4) estudo-piloto.

Inicialmente, os 15 itens da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal nas Redes Sociais foram traduzidos para o português brasileiro. A tradução foi realizada por cinco pessoas bilíngues inglês-português independentemente, sendo pesquisadores de mestrado e doutorado.

Em seguida, foi realizada uma síntese a partir das traduções individuais. Dúvidas sobre as melhores versões em português para os itens foram discutidas com um grupo de pesquisadores de mestrado e doutorado, como, por exemplo, “*social networking site page*” (traduzido para: “perfil da rede social”), “*news feeds*” (traduzido para: “atualizações”), “*messages on my partner’s wall*” (traduzido para: “mensagens no perfil do meu parceiro”) e “*mutual friend’s walls*” (traduzido para: “nas postagens dos perfis de amigos em comum”), para que essas expressões se adequassem a todas as redes sociais – em não a uma rede social específica – e também ao melhor entendimento do cotidiano brasileiro. Depois, um pesquisador experiente (pós doutor e professor universitário) em elaboração de instrumentos psicológicos comparou as diferentes traduções para o português com o instrumento original em inglês e chegou a uma versão mais adequada dos itens em português.

Foi realizada, então, a tradução reversa da síntese do português para o inglês por três pesquisadores de mestrado e doutorado que não participaram das etapas anteriores. Esses tradutores não conheciam e não foram informados dos conceitos investigados. As principais razões são evitar o viés de informação e extrair significados inesperados dos 15 itens traduzidos da Escala ISS (Guillemin et al., 1993; Leplege & Verdier, 1994), aumentando assim a probabilidade de “destacar as imperfeições” (Leplege & Verdier 1994). É importante considerar que o objetivo da tradução reversa não deve ser a obtenção de uma equivalência literal entre as versões traduzidas e a versão original. Ao invés disso, o processo da tradução reversa deve ser utilizado como uma ferramenta para identificar palavras que não



ficaram claras no idioma-alvo, buscando encontrar inconsistências ou erros conceituais na versão final, quando comparada à versão original (Beaton et al., 2000). De todo modo, ressalta-se que, ao fazer a tradução reversa, nenhuma inconsistência foi encontrada. Essa versão em inglês foi comparada com a versão original e pequenos ajustes foram feitos pelo pesquisador experiente da etapa anterior, para que o conteúdo dos itens em português fosse o mais similar possível ao conteúdo em inglês.

Por fim, foi convidada uma amostra piloto de 23 pessoas para responder a versão premilinar da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais e avaliar possíveis dificuldades na compreensão dos itens. Após terem respondido, foram questionadas sobre os itens da escala quanto à clareza da linguagem e compreensão, bem como sugestões de modificações para cada item. Os resultados do teste piloto foram analisados qualitativamente. Na etapa final, dentre a amostra que participou do estudo piloto, nenhuma pessoa apresentou dificuldades na compreensão, nem considerou o instrumento muito extenso; todos avaliaram a escala ISS como fácil de entender e responder.

*De coleta de dados.* O questionário *on-line* e os instrumentos utilizados foram disponibilizados aos participantes por meio da ferramenta SurveyMonkey. Os dados foram coletados de forma virtual por meio de um link compartilhado no Facebook, Instagram, LinkedIn, grupos de Whatsapp e grupos de e-mails. O questionário apresentou primeiramente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido seguido de questões sociodemográficas, perguntas sobre relacionamentos românticos, perguntas sobre o uso de redes sociais e sobre o isolamento social no auge da pandemia em 2020, além da bateria de escalas (Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais, IPCS, ECR-R, ENSRA-R e Escala de Autoestima de Rosenberg). Todos os participantes tiveram acesso ao mesmo tipo de questionário. Destaca-se que todos os procedimentos do estudo foram aprovados pela Comitê de Ética da [Omitido] (CAEE: [Omitido]). Todos os procedimentos do estudo também foram realizados de maneira de acordo com a Declaração de Helsinque de 1964 (Associação Médica Mundial, 1964).

*De análise de dados.* Foi realizada a análise descritiva das variáveis sociodemográficas dos participantes, sobre o relacionamento romântico, sobre o uso de redes sociais e sobre isolamento social no auge da pandemia em 2020. A partir de uma análise fatorial confirmatória, verificou-se a estrutura interna da

escala ISS baseado no modelo de Tokunaga (2011). Foi utilizado o estimador *Diagonally Weighted Least Squares* (DWLS) com cálculo de erro padrão robusto dada a natureza ordinal da medida-escala Likert (DiStefano & Morgan, 2014). A adequação do modelo estimado foi avaliada por meio do qui-quadrado ( $\chi^2$ ), os graus de liberdade ( $gl$ ) e a razão  $\chi^2/gl$ , os índices de ajuste *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI) e *Standart Root Mean Square Residual* (SRMR). A razão  $\chi^2/gl$  deve ser menor que cinco ou, preferencialmente, menor do que três, os valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, e valores de CFI e TLI devem ser preferencialmente  $> 0,95$ . O *Standart Root Mean Square Residual* (SRMR) deve ser  $< 0,08$ . (Brown, 2015).

A consistência interna foi aferida por meio do Alpha de Cronbach e do Ômega de Mc Donald. Adicionalmente, como evidência de precisão do escore, foi calculada a Variância Média Extraída (VME) como uma medida da quantidade de variância capturada por um construto em relação à quantidade de variância devido ao erro de medição. Para as medidas de alpha de Cronbach e ômega de McDonald considerou-se valores  $\geq 0,70$  como adequados e para variância média extraída valor  $\geq 0,50$ .

Para buscar evidências de validade baseadas em relações com outras variáveis, foi realizada correlação de Spearman ( $\rho$ ) para verificar se os níveis de vigilância eletrônica medidos por meio da escala ISS estão relacionados com as variáveis *cyberstalking*, apego, autoestima, satisfação com o relacionamento e grau de isolamento no auge da pandemia em 2020. Os valores de correlação foram interpretados da seguinte forma: valores de  $\pm 1$  representam um efeito pequeno,  $\pm 3$  é um efeito médio e  $\pm 5$  é um efeito grande (Field, 2017).

Com o teste  $t$  de amostras independentes, foi possível verificar se os escores da ISS apresentam diferenças de médias entre sexo (homens vs mulheres) e se houve diferenças de médias dos níveis de infidelidade do participante (fiel vs infiel) e do parceiro (fiel vs infiel). A suposição de homogeneidade de variância foi avaliada por meio do teste de Levene, e quando a mesma não foi acatada, foi utilizada a estatística de Welch. (Delacre et al., 2017; Derrick et al., 2016). Foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC *Bootstraping Correct-accelerated* - *BCa*) para corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e maior confiabilidade dos resultados (Haukoos & Lewis,

2005). O tamanho do efeito foi calculado por meio do Hedges  $g$  para controlar o viés de amostras desbalanceadas (Lakens, 2013). Foram considerados as seguintes faixas para interpretação do tamanho de efeito: efeito irrisório ( $-0,20 \leq g \leq 0,20$ ); efeito pequeno ( $0,21 \leq g \leq 0,39$ ); efeito médio ( $0,40 \leq g \leq 0,79$ ); efeito alto ( $g \geq 0,80$ ).

Análises descritivas e inferenciais foram realizadas no software SPSS (versão 24). A análise fatorial confirmatória os índices de consistência interna foram obtidos por meio do software JASP (versão 0.18.1).

*Considerações éticas.* O presente estudo está de acordo com a Resolução número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que versa sobre os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, e com a Resolução número 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que se refere às especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais. Todos os procedimentos do estudo atenderam às recomendações do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Católica de Petrópolis – UCP/RJ, órgão vinculado à Plataforma Brasil (CAEE: 66370522.1.0000.5281). No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi apresentado na primeira página do questionário, os respondentes foram informados quanto aos riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Nenhum dos procedimentos utilizados ofereceu riscos à dignidade e saúde dos participantes, talvez, apenas a lembrança de alguns eventos diante da temática que foi abordada podendo ter gerado algum tipo de desconforto ou tensão. Foram esclarecidos também os objetivos e justificativa do estudo e quem respondeu o questionário, autorizava a publicação dos resultados em eventos e publicações científicas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido atestou o anonimato dos participantes em relação às informações prestadas e a sua livre deliberação em participar da pesquisa. Após lerem as informações sobre a pesquisa e o termo, foi solicitado que os maiores de idade selecionassem uma das opções de aceite quanto à participação da pesquisa: “sim”, sendo direcionados ao questionário *on-line*, ou “não”, sendo direcionados a uma página final de agradecimento.

## 6

### Resultados

#### 6.1.

##### Análise da estrutura interna

Inicialmente foram aferidas as estatísticas descritivas de cada um dos 15 itens da escala ISS-Brasil (Tabela 2) para verificação de possíveis inconsistências.

**Tabela 2**

*Estatísticas descritivas dos 15 itens da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais*

Item	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose	Mínimo	Máximo
1	2,28	1,62	1,22	0,47	1,00	7,00
2	2,21	1,67	1,30	0,53	1,00	7,00
3	1,87	1,38	1,80	2,57	1,00	7,00
4	2,89	2,00	0,65	-1,02	1,00	7,00
5	3,29	2,14	0,29	-1,47	1,00	7,00
6	3,43	2,06	0,22	-1,37	1,00	7,00
7	1,94	1,55	1,84	2,51	1,00	7,00
8	2,23	1,63	1,24	0,37	1,00	7,00
9	3,08	1,98	0,42	-1,24	1,00	7,00
10	1,91	1,35	1,67	2,27	1,00	7,00
11	2,50	1,74	0,89	-0,46	1,00	7,00
12	2,70	1,99	0,80	-0,79	1,00	7,00
13	1,79	1,32	1,89	2,94	1,00	7,00
14	2,11	1,54	1,45	1,21	1,00	7,00
15	1,50	1,06	2,72	7,83	1,00	7,00

Nenhuma inconsistência univariada foi detectada. Assim, os resultados a partir da Análise Fatorial Confirmatória são apresentados na sequência. Os índices de KMO e Bartlett indicaram que, na matriz de covariância, os itens se relacionam entre si e, portanto, os dados são passíveis de uma análise fatorial (KMO = 0,94, Bartlett  $\chi^2$  (105) = 3462,74,  $p < 0,001$ ). Os valores indicam ajuste adequado do modelo unifatorial ( $\chi^2 = 227,90$ ,  $gl = 90$ ,  $p < 0,001$ ; a razão  $\chi^2/gl = 2,5$ , CFI = 0,99, TLI: 0,99, RMSEA = 0,06 [IC: 90% = 0,05 - 0,07], SRMR: 0,06) (Brown, 2015). Na Tabela 3, são apresentados os itens e as respectivas cargas estimadas para o modelo.

**Tabela 3***Resultados a partir da Análise Fatorial Confirmatória da Escala*

Item	Carga fatorial padronizada	Intervalo de confiança - 95% da carga fatorial		Erro Padrão	p
		Inferior	Superior		
Eu visito o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a) frequentemente.	0,78	0,73	0,83	0,02	< 0,001
Quando visito o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a), vejo as novas postagens de seus amigos.	0,69	0,63	0,76	0,03	< 0,001
Eu frequentemente passo tempo olhando as publicações do(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	0,79	0,74	0,84	0,03	< 0,001
Eu particularmente presto bastante atenção às atualizações relacionadas ao(à) meu(minha) parceiro(a).	0,75	0,70	0,80	0,03	< 0,001
Eu percebo quando meu(minha) parceiro(a) atualiza seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	0,62	0,55	0,68	0,03	< 0,001
Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu(minha) parceiro(a) e seus amigos da rede social.	0,45	0,38	0,53	0,04	< 0,001
Se há mensagens no(s) perfil(is) do meu(minha) parceiro(a) que eu não entendo, eu tento investigá-las por meio das redes sociais de outros.	0,72	0,65	0,78	0,03	< 0,001
Eu tento ler os comentários que meu(minha) parceiro(a) publica nas postagens dos perfis de amigos em comum.	0,72	0,67	0,78	0,03	< 0,001
Eu geralmente estou ciente das atividades no(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	0,65	0,59	0,71	0,03	< 0,001
Eu examino a página da rede social do(a) meu(minha) parceiro(a) para ver o que ele(a) está fazendo.	0,85	0,81	0,89	0,02	< 0,001
Eu vejo os amigos que meu(minha) parceiro(a) mantém em seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	0,74	0,68	0,79	0,03	< 0,001
Eu sei quando meu(minha) parceiro(a) não atualiza seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) há algum tempo.	0,65	0,58	0,71	0,03	< 0,001
Eu tento monitorar os comportamentos do(a) meu(minha) parceiro(a), por meio de seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	0,82	0,77	0,87	0,03	< 0,001
Eu exploro o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a) para ver se há algo novo ou estimulante.	0,82	0,78	0,86	0,02	< 0,001
Eu sei mais sobre a vida cotidiana do(a) meu(minha) parceiro(a) vendo o(s) seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	0,60	0,51	0,68	0,04	< 0,001

Como pode ser observado na Tabela 3, todos os itens foram estatisticamente significativos, sendo que as cargas fatoriais variam entre 0,45 (*‘Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu(minha) parceiro(a) e seus amigos da rede social’*) e 0,85 (*‘Eu examino a página da rede social do(a) meu(minha) parceiro(a) para ver o que ele(a) está fazendo’*). Ao considerar a somatória das respostas aos itens, o escore médio dos participantes foi de 35,74 ( $DP = 16,12$ ), com valor mínimo obtido de 15 e máximo de 88.

## 6.2.

### Fidedignidade

A escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais apresentou índices de Alpha de Cronbach ( $\alpha = 0,89$ , IC 95%[,88-,91]) e Ômega de McDonald ( $\omega = 0,89$ , IC 95%[,88-,91]) satisfatórios. Foi também verificado se ao deletar algum item, isto impactaria nos índices de consistência interna. Se o item *“Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu(minha) parceiro(a) e seus amigos da rede social”* fosse deletado, isto impactaria positivamente nos índices de confiabilidade ( $\alpha = 0,90$ ,  $\omega = 0,90$ ). No entanto, optou-se pela não exclusão do item para não descaracterizar o modelo original e possibilitar comparações entre transculturais. A variância média extraída (VME) obtida foi de 0,51, portanto considerada adequada.

## 6.3.

### Evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis

Para buscar evidências de validade da escala ISS com variáveis externas foi realizada correlação de Spearman, conforme Tabela 4.

**Tabela 4**

*Estatísticas Descritivas e Correlações para Variáveis do Estudo*

Variável	n	M	DP	1	2	3	4	5	6	7
1. ISS	373	35,74	16,12	—						
2. IPCS	359	34,01	12,39	0,55***	—					

3. ENSRA-R	373	5,53	2,03	-0,05	-	0,25***	—			
4. ECR-R Ansiedad e	340	3,36	1,31	0,32***	0,34***	-0,41***	—			
5. ECR-R Evitação	340	2,03	0,94	-0,02	0,10	-0,43***	0,23** *	—		
6. Autoestima	340	32,98	5,40	-0,20	-	0,23***	0,21***	0,37** *	0,15* *	—
7. Grau de Isolamento	373	69,51	27,51	-0,05	-0,11*	0,09	-0,11*	-	0,12* -	0,04 -

Nota: \*  $p < 0,05$ , \*\*  $p < 0,01$ , \*\*\*  $p < 0,001$

A média dos escores dos participantes na escala ENSRA-R foi de 5,53 ( $DP = 2,03$ ), com valor mínimo obtido de 0 e máximo de 8. A média dos escores na escala IPCS foi de 34,01 ( $DP = 12,39$ ), com valor mínimo obtido de 21 e máximo de 82. A média dos escores no fator Ansiedade da Escala ECR-R foi de 3,36 ( $DP = 1,31$ ), com valor mínimo obtido de 1 e máximo de 6,8. Por sua vez, a média dos escores no fator Evitação da Escala ECR-R foi de 2,03 ( $DP = 0,94$ ), com valor mínimo obtido de 1 e máximo de 5,8. A média dos escores na Escala de Autoestima de *Rosenberg* foi de 32,98 ( $DP = 5,4$ ), com valor mínimo obtido de 16 e máximo de 40. A média dos escores na Escala de Vigilância Eletrônica para as Redes Sociais foi de 35,74 ( $DP = 16,12$ ), com valor mínimo obtido de 15 e máximo de 88.

A escala ISS-Brasil apresentou relação linear positiva, forte e significativa com a escala de *cyberstalking* ( $r_s = 0,54$ ,  $p < 0,001$ ), também apresentou uma relação positiva e estatisticamente significativa, porém moderada, com a escala ECR-R, na dimensão ansiedade ( $r_s = 0,31$ ,  $p < 0,001$ ). Por sua vez, a escala ISS-Brasil apresentou uma relação estatisticamente significativa fraca e negativa com escala de autoestima ( $r_s = -0,20$ ,  $p < 0,001$ ). As correlações entre a escala ISS-Brasil com satisfação com relacionamento ( $r_s = -0,04$ ,  $p = 0,379$ ) e entre a escala ISS-Brasil com a ECR-R dimensão evitação ( $r_s = -0,02$ ,  $p = 0,703$ ) e por fim entre a escala ISS-Brasil e o grau de isolamento ( $r_s = -0,05$ ,  $p = 0,327$ ) não apresentaram relações estatisticamente significativas.

#### 6.4.

#### Diferenças de médias

Na sequência, também com o objetivo de buscar evidências de validade da escala ISS-Brasil com variáveis externas foram realizadas comparações entre grupos homens e mulheres nos níveis de vigilância. O teste de Levene, apresentado na Tabela 5, não rejeitou a hipótese de igual de variância ( $F = 2,075$ ,  $p = 0,151$ ). Conforme Tabela 6, o grupo de homens ( $n = 161$ ) teve uma média de 33,61 ( $DP = 15,44$ ) que foi significativamente menor do que o grupo de mulheres ( $n = 211$ ;  $M = 37,28$ ,  $DP = 16,48$ ),  $t(370) = -2,189$ ,  $p = 0,029$ , IC 95% BCa =  $[-7,09, -0,23]$ . O tamanho do efeito foi  $g = 0,23$ .

**Tabela 5**

*Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (homens e mulheres).*

teste-t para Igualdade de Médias								
	Teste de Levene para igualdade de variâncias					Diferença média	BCa 95% de Intervalo de Confiança	
	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>		Inferior	Superior
Variâncias iguais assumidas	2,075	0,151	-2,189	370	0,029	-3,67	-7,09	-0,23

Nota. *Bootstrapping* baseado em 1000 replicações bem-sucedidas

**Tabela 6**

*Estatísticas descritivas dos grupos - homens e mulheres*

Sexo	Estatísticas	
Homem	N	161
	Média	33,61
	Desvio Padrão	15,44
Mulher	N	211
	Média	37,28



Desvio Padrão

16,48

Em relação à infidelidade do participante, o teste de Levene (Tabela 7) não rejeitou a hipótese de igual de variância ( $F = 1,359$ ,  $p = ,244$ ). Conforme Tabela 8, o grupo “fiel” teve uma média de 36,36 ( $n = 306$ ,  $DP = 16,25$ ) que não foi significativamente diferente do grupo “infíel” ( $n = 67$ ,  $M = 32,88$ ,  $DP = 15,28$ ),  $t(371) = 1,606$ ,  $p = 0,109$ , IC Bca: -0,77 e 7,37. O tamanho do efeito foi  $g = 0,22$ .

**Tabela 7**

*Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (fiel versus infíel).*

Procedimento de bootstrap (gl=1 versus ngl=1):								
	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias					
	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	Diferença média	BCa 95% de Intervalo de Confiança	
							Inferior	Superior
Variâncias iguais assumidas	1,359	0,244	1,606	371	0,109	3,48	-0,77	7,37

Nota. *Bootstrapping* baseado em 1000 replicações bem-sucedidas

**Tabela 8**

*Estatísticas descritivas dos grupos – fiel versus infíel*

Infidelidade do participante		Estatística
Não	N	306
	Média	36,36
	Desvio Padrão	16,25
Sim	N	67
	Média	32,88
	Desvio Padrão	15,28

No que diz respeito à infidelidade do parceiro, o teste de Levene indicou igual de variância ( $F = 1,432$ ,  $p = ,232$ ) entre os grupos “fiel” e “infiel” (Tabela 9). Conforme Tabela 10, o grupo “fiel” apresentou uma média de 35,76 ( $n = 330$ ,  $DP = 15,84$ ) que não foi significativamente diferente do grupo “infiel” ( $n = 43$ ,  $M = 35,51$ ,  $DP = 18,29$ ),  $t(371) = 0,099$ ,  $p = 0,921$ , IC Bca: -6,46 e 6,70. O tamanho do efeito foi  $g = 0,01$ .

**Tabela 9**

*Teste de Levene, teste t e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (participantes que declaram que o parceiro amoroso já foi infiel e os que declaram que o parceiro amoroso não foi infiel).*

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias				Diferença média		BCa 95% de Intervalo de Confiança	
	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>				Inferior	Superior
Variâncias iguais assumidas	1,432	0,232	0,099	371	0,921	0,25807			- 6,46823	6,70486

Nota. *Bootstrapping* baseado em 1000 replicações bem-sucedidas

**Tabela 10**

*Estatísticas descritivas dos grupos - participantes que declaram que o parceiro amoroso já foi infiel e os que declaram que o parceiro amoroso não foi infiel*

Infidelidade do parceiro		Estatísticas	
Não	N		330
	Média		35,76
	Desvio		15,84
	Padrão		
Sim	N		43
	Média		35,51
	Desvio		18,29
	Padrão		

Em se tratando dos grupos de participantes que passaram por isolamento social no auge da pandemia em 2020, podemos dividi-los em dois grupos: o dos participantes que viviam (morando juntos) com o parceiro amoroso desde 2020 até hoje e o dos que não viviam (morando separados) com o parceiro desde 2020 até hoje.

**Tabela 11**

*Correlação apenas com participantes do grupo que vivia com o parceiro em isolamento, desde 2020 (até hoje)*

			Escore ISS	Grau de isolamento no auge da pandemia de 2020
Correlação de Spearman	Escore ISS	Coeficiente de Correlação	1,00	-0,08
		<i>P</i>	.	0,187
	Grau de isolamento no auge da pandemia de 2020	N	253	253
		Coeficiente de Correlação	-0,08	1,00
		<i>P</i>	0,187	.
		N	253	253

De acordo com os dados presentes na Tabela 11, a correlação entre o grau de isolamento social no auge da pandemia em 2020 e a vigilância eletrônica interpessoal no grupo dos participantes que moravam juntos com o parceiro, em isolamento, desde 2020 até hoje, foi negativa porém não significativa. Então, foram computadas correlações apenas com participantes do grupo que morava separado com o parceiro em isolamento, desde 2020 (até hoje).

De acordo com os dados presentes na Tabela 12, a correlação entre o grau de isolamento social no auge da pandemia em 2020 e a vigilância eletrônica interpessoal no grupo dos participantes que moravam separados do parceiro, em isolamento, desde 2020 até hoje, foi negativa porém não significativa. Em seguida, usando a transformação *Fisher r-to-z* (VassarStats, n.d.) foi calculado um valor de *z* para ser aplicado para avaliar a significância da diferença entre os dois coeficientes de correlação dos dois grupos.  $Z = -0,45$ ,  $p = 0,652$ . Portanto, a diferença entre os dois coeficientes de correlação não foi estatisticamente significativa. Por fim, foi realizado um teste *t* para comparar as médias dos escores da ISS entre o grupo dos participantes que moravam juntos com seus parceiros amorosos em isolamento

social desde 2020 até hoje e o grupo dos participantes que moravam separados dos seus parceiros amorosos em isolamento social desde 2020 até hoje.

**Tabela 12**

*Correlação apenas com participantes do grupo que não vivia com o parceiro em isolamento, desde 2020 (até hoje)*

		Escore ISS	Grau de isolamento no auge da pandemia de 2020
Correlação de Spearman	Escore ISS	1,00	-0,18
	Coefficiente de Correlação		
	<i>P</i>	.	0,405
	<i>N</i>	22	22
	Grau de isolamento no auge da pandemia de 2020	-0,187	1,00
	Coefficiente de Correlação		
	<i>P</i>	0,405	.
	<i>N</i>	22	22

**Tabela 13**

*Teste de Levene, teste *t* e os intervalos de confiança baseados no procedimento de bootstrap (grupo dos participantes que moravam juntos com seus parceiros amorosos em isolamento social desde 2020 até hoje versus grupo dos participantes que moravam separados)*

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			BCa 95% de Intervalo de Confiança		
	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>	Diferença média	Inferior	Superior
Variâncias iguais assumidas	1,791	0,182	-2,698	273	0,025	-9,43	-17,93	-1,38

Nota. *Bootstrapping* baseado em 1000 replicações bem-sucedidas

A Tabela 13 reporta o teste de Levene, que não rejeitou a suposição da igual de variância ( $F = 1,791$ ,  $p = ,182$ ). O grupo dos participantes que moravam juntos com seus parceiros ( $n = 253$ ) teve uma média de 33,66 ( $DP = 15,44$ ) de vigilância que foi significativamente diferente e menor da média do grupo dos participantes moravam separados de seus parceiros ( $n = 22$ ;  $M = 43,09$ ,  $DP = 18,77$ ), [ $t(273) = -2,698$ ,  $p = 0,025$ ; IC Bca: -17,93 e -1,38].

## Discussão

O presente estudo apresentou o processo de adaptação cultural e as evidências de validade para o português do Brasil da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais (*IES Scale for SNSs - ISS*) – *Interpersonal Electronic Surveillance Scale for Social Network Sites*). Para atingir este objetivo, traduziu-se semanticamente a escala e testou-se a estrutura unidimensional do construto em uma amostra de 373 participantes brasileiros maiores de 18 anos. Após o processo de tradução do instrumento, foram testadas suas propriedades psicométricas, resultando em uma versão com satisfatórias evidências de validade para o Brasil.

Em relação à tradução do instrumento, o teste-piloto indicou facilidade na compreensão e clareza dos itens e rapidez na compilação do instrumento. Escalas curtas, como a ISS-Brasil, tornam sua administração rápida, permitindo que os pesquisadores as incorporem facilmente em estudos, nos quais medidas de envolvimento mais longas podem não ser viáveis. Também torna a escala conveniente para os respondentes, aumentando as taxas de participação e conclusão. (Conejo et al., 2021).

Os índices de ajuste global CFI e TLI, além do RMSEA e SRMR, suportaram o modelo. Em um modelo complexo (i.e diversos parâmetros para serem estimados), o resultado do  $\chi^2$  não foi considerado como critério para descartar o modelo (Kyriazos, 2018). No modelo fatorial confirmatório, as cargas fatoriais padronizadas variaram entre 0,45 e 0,85 e todos os indicadores foram estatisticamente significativos. Além disso, a versão brasileira da ISS demonstrou índices de ajustes adequados para estrutura unifatorial. No modelo adaptado nesta pesquisa, considerando os 15 itens originais (Tokunaga, 2011), os valores indicam ajuste adequado do modelo unifatorial ( $\chi^2 = 227,90$ ,  $gl = 90$ ,  $p < 0,001$ ,  $\chi^2/gl = 2,5$ ) e os índices CFI = 0,99; TLI: 0,99; RMSEA = 0,06; IC: 90% RMSEA = [0,05 - 0,07], SRMR: 0,06). Portanto, neste caso, foram mantidos os 15 itens originais da escala ISS na versão traduzida e adaptada para o contexto nacional brasileiro. Portanto, confirma-se a H1 (a estrutura fatorial da escala é unidimensional), de acordo com o estudo original de Tokunaga (2011).

Porém, o modelo final da versão brasileira da ISS foi diferente, comparado ao modelo apresentado por Tokunaga (2011). Na versão final da escala ISS de Tokunaga (2011) foram eliminados 3 itens, reduzindo-os para um total de 12 itens, ao passo que a versão traduzida para o contexto nacional neste trabalho apresenta os 15 itens originais da escala de Tokunaga (2011). O modelo de medição inicial de Tokunaga (2011) indicou ajuste modesto  $\chi^2(65) = 240$ ,  $p < 0,05$ , CFI = 0,89, SRMR = 0,05. A eliminação de três itens da escala resultou na melhoria geral do ajuste do modelo de medição  $\chi^2(54) = 192,5$ ,  $p < 0,05$ , CFI = 0,90, SRMR = 0,04.

A versão mexicana da ISS de Meraz (2020) apresentou um bom ajuste ao modelo unidimensional ( $\chi^2(44) = 269,8$ ,  $p > 0,05$ , CFI = 0,95, SRMR = 0,031, RMSEA = 0,078), porém com apenas 11 itens. De acordo com o autor (Meraz, 2020), quatro itens foram excluídos por apresentarem índices de correlação entre si muito altos. O autor não apresentou índices de confiabilidade. No presente estudo, o modelo unifatorial adaptado apresentou indicadores de ajuste levemente melhores ( $\chi^2 = 227,90$ , graus de liberdade ( $gl$ ) = 90,  $p < 0,00$ ,  $\chi^2/gl = 2,5$ , CFI = 0,99, TLI = 0,99, RMSEA = 0,06 [IC 90% = 0,05 - 0,07], SRMR = 0,06). Os valores do presente estudo sugerem um ajuste mais preciso do modelo ao conjunto de dados quando comparado ao estudo de Meraz (2020), além de contar com a totalidade dos itens originais.

Neste estudo, a consistência interna do instrumento apresentou índices de *Alpha de Cronbach* ( $\alpha = 0,89$ ) e *Ômega de McDonald* ( $\omega = 0,89$ ), alinhando-se às referências de pontos de corte mais atuais, as quais indicam que  $\alpha \geq 0,70$  (Tavakol & Dennick, 2011) como satisfatório. No estudo referente à escala original (Tokunaga, 2011), o valor obtido pelo autor da consistência interna por meio de *Alpha de Cronbach*, foi de  $\alpha = 0,97$ . Salienta-se que o ômega de McDonald se constitui um índice preferível em relação ao Alpha de Cronbach, pois considera a importância de cada item para o construto baseado em suas cargas fatoriais, além disso as suposições Alpha de Cronbach são excessivamente restritivas e quase sempre violadas (McNeish, 2018). Deste modo, o Alpha de Cronbach representa uma medida de confiabilidade que geralmente subestima significativamente a confiabilidade das escalas em relação à realidade (McNeish, 2018). Nesse sentido, a atual pesquisa aprimora os estudos iniciais de Tokunaga (2011), ao acumular novas evidências de validade ao instrumento. Na presente pesquisa também foi verificado se, ao deletar algum item, isto impactaria nos índices de consistência

interna. Verificou-se que se o item “*Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu(minha) parceiro(a) e seus amigos da rede social*” fosse deletado, isto impactaria positivamente nos índices de confiabilidade, porém esse aumento é irrisório tendo em vista os valores já obtidos, passando de 0,89 para 0,90 em ambos os coeficientes (alpha e ômega).

A relação entre a escala ISS e o grau de isolamento durante o auge da pandemia ( $r_s = -0,051$ ,  $p = 0,327$ ) não foi estatisticamente significativa, não suportando a H2. O resultado obtido nessa pesquisa relacionada a relação entre a escala ISS e o grau de isolamento durante o auge da pandemia também não corrobora com os achados do estudo de Shafer et al. (2022). Os autores afirmam que períodos transitórios, como a pandemia da Covid podem criar mudanças nos relacionamentos românticos que têm impactos profundos nas relações existentes, normas, rotinas e papéis dos parceiros dentro do próprio relacionamento. Essa mudanças podem perturbar os padrões de interdependência do casal e resultam em incerteza e turbulência relacional. Esse aumento do sentimento de incerteza relacional combinado com a quarentena e padrões negativos de comunicação do casal podem levar a visitar as páginas das mídias sociais do parceiro amoroso com maior frequência, de modo que os participantes sintam-se mais próximos do parceiro na quarentena, permitindo-lhes a lidar melhor com as ameaças à sua saúde apresentada pelo novo coronavírus (Shafer et al., 2022).

A Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais apresentou uma relação significativa, forte e positiva com a escala de *cyberstalking* ( $r_s = 0,55$ ,  $p < 0,001$ ), suportando integralmente a H3 (a vigilância eletrônica interpessoal tem correlação positiva e significativa com o *cyberstalking*), em conformidade com a revisão sistemática de Marcum & Higgins (2021), que já havia fornecido evidências de que o *cyberstalking* e que a vigilância eletrônica interpessoal para as redes sociais têm correlatos, pois, são comportamentos semelhantes. Isto porque o *cyberstalking* é a perseguição cibernética ou o uso da internet e de outros dispositivos eletrônicos para monitorar ou assediar outra pessoa de forma ameaçadora, intimidadora ou evocadora de medo e a vigilância eletrônica interpessoal se refere à verificação e revisão frequentes da presença *on-line* de um parceiro amoroso pelo outro (Marcum & Higgins, 2021). Além disso, esta revisão sistemática demonstrou que um tema consistente na literatura revisada é de que o tempo gasto nas redes sociais aumenta as chances de o indivíduo ser vítima de

cyberstalking e também de vigilância eletrônica interpessoal, o que aumenta a conexão entre estes comportamentos (Marcum & Higgins, 2021).

A Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais apresentou uma relação estatisticamente significativa e positiva, porém de intensidade-moderada com a escala ECR R, na dimensão ansiedade ( $r_s = .0,32, p < 0,001$ ), suportando integralmente a H4 (“a vigilância eletrônica interpessoal tem correlação positiva e significativa com ansiedade relacionada ao apego”), em conformidade com o estudo realizado por Marshall, et al. (2013). Isto porque os resultados desse estudo revelaram que os indivíduos com maiores níveis de ansiedade relacionada ao apego tendiam a verificar a página do parceiro do *Facebook* com maior frequência (neste estudo foi aplicada uma escala afim à ISS: *Facebook Surveillance Scale*).

A relação entre a escala ISS e a ECR R dimensão evitação ( $r_s = -0,02, p = 0,703$ ) não apresentou uma relação significativa, suportando a H5 (“a vigilância eletrônica interpessoal tem correlação negativa e não significativa com evitação relacionada ao apego”), em conformidade com esse mesmo estudo. Isto porque os resultados desse estudo revelaram que os indivíduos com maiores níveis de evitação relacionada ao apego demonstraram evitar olhar completamente a página do *Facebook* do parceiro amoroso.

A relação entre a escala ISS e a satisfação com relacionamento ( $r_s = -0,05, p = 0,379$ ) embora negativa, não apresentou relação estatisticamente significativa, dando suporte parcial à H6 (“a vigilância eletrônica interpessoal tem correlação negativa e significativa com a satisfação com o relacionamento romântico. No estudo Tokunaga (2016), observou-se uma relação significativamente negativa entre a vigilância eletrônica interpessoal e a satisfação no relacionamento ( $\beta = -0,21, SE = 0,09, p = 0,02$ ). Esta tendência também se manifestou na atual pesquisa, reforçando a ideia de que uma menor satisfação no relacionamento tende a intensificar as práticas de vigilância eletrônica interpessoal. Esta correlação negativa sugere que, em relacionamentos interpessoais menos satisfatórios, os indivíduos podem recorrer a táticas de manutenção de relacionamento negativas, como a vigilância eletrônica. Conforme discutido por Dainton e Gross (2008), isso ocorre possivelmente devido à percepção de baixa qualidade no relacionamento romântico.

A Escala ISS demonstrou uma correlação significativa, porém fraca e



negativa, com a autoestima ( $r_s = -0,20, p < 0,001$ ), confirmando plenamente a H7, que propõe uma correlação negativa e significativa entre a vigilância eletrônica interpessoal e a autoestima. Em consonância com estudos anteriores de Marshall et al. (2013), foi observado que níveis mais baixos de ansiedade relacionada ao apego estão associados a menores índices de ciúmes, maior autoestima e redução nos níveis de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais. Além disso, constatou-se que um aumento na evitação relacionada ao apego está inversamente relacionado com ciúmes e vigilância eletrônica interpessoal, enquanto está positivamente associado à autoestima.

Por fim, testaram-se diferenças entre grupos nos níveis de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais. O grupo dos participantes que viviam (moravam juntos) com seus parceiros amorosos em isolamento social desde 2020 até hoje uma média de escores na escala ISS que foi significativamente diferente e menor da média do grupo dos participantes que não viviam (moravam separados) com seus parceiros amorosos em isolamento social desde 2020 até hoje. Os que viviam separados apresentaram média de escores da escala ISS mais altos do que o outro grupo, dando suporte à H8 (“os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais dos parceiros amorosos que viveram o isolamento social separados desde 2020 até hoje são maiores do que os praticado pelo grupo de parceiros amorosos que o viveram morando juntos, desde 2020 até hoje”), em conformidade com a pesquisa de Shafer et al. (2022) que, como visto, demonstrou que o uso da tecnologia pode ser mais importante nos relacionamentos desses casais mais jovens para apoiar e manter relações românticas, principalmente durante a pandemia e período de isolamento social subsequente, do que entre os adultos mais velhos, pois 54% deles ainda vivem com os pais (U.S Census Bureau, 2018).

Em relação às diferenças entre homens e mulheres, o grupo de homens tiveram uma média de escores da escala ISS que foi significativamente diferente e menor do que o a do grupo de mulheres, suportando a H9 (“os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais pelas mulheres são maiores do que os dos homens”). Este resultado alinhou-se aos achados de Muise et al. (2014), que indicaram uma maior propensão das mulheres ao monitoramento *on-line* do parceiro motivado por ciúmes.

Por outro lado, ao comparar grupos de participantes com histórico de infidelidade nos relacionamentos, não se encontrou diferença significativa nos

escores da mesma escala entre aqueles que reportaram infidelidade do parceiro e os que não reportaram, não confirmando a H10 (“os níveis praticados de vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais pelos participantes que declararam que seus parceiros amorosos já foram infiéis são maiores do que os que declararam que seus parceiros não foram infiéis”). Esta hipótese previa maiores níveis de vigilância interpessoal nas redes sociais entre participantes com parceiros previamente infiéis. Este resultado é consistente com o estudo de Tokunaga (2011), onde não se encontrou relação significativa entre a infidelidade do parceiro e a vigilância eletrônica interpessoal ( $\beta = -0,12$ ,  $t = -1,72$ , ns). Naquela pesquisa também não foram encontradas diferenças significativas entre participantes que identificaram infidelidade no relacionamento atual ( $M = 4,46$ ,  $SD = 1,64$ ) e os que não identificaram ( $M = 3,83$ ,  $SD = 1,67$ ) em relação à prática da vigilância eletrônica interpessoal.

Note-se que este estudo apresenta algumas limitações que podem ser superadas em estudos futuros. A amostra neste estudo foi selecionada por conveniência, o que impede generalizações. Além disso, o Brasil é um país muito extenso e nem todas as regiões foram representadas na amostra. Este estudo apresentou análises correlacionais e, portanto, não pode estabelecer a direção causal entre as variáveis. Vale dizer que a Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal foi testada exclusivamente entre parceiros amorosos, de modo que este estudo não explorou sua aplicação em outras modalidades de relacionamentos interpessoais. A escala também foi aplicada somente em parceiros que estão em um relacionamento romântico e não foi avaliada a vigilância de ex-parceiros amorosos.

O presente estudo descreveu o processo de adaptação da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais para o contexto brasileiro. A escala, traduzida para o idioma português falado no Brasil, apresentou evidências de validade satisfatórias, sendo uma ferramenta de fácil e rápida aplicação, apresentando excelentes indicadores. Além disso, sua adaptação pode trazer contribuições para a prática da psicologia clínica, como parte de avaliações, em pessoas que estão em relacionamento romântico e que são usuárias de redes sociais para aferir os níveis de vigilância eletrônica interpessoal sobre seus parceiros, visando elevar a qualidade e funcionalidade dos relacionamentos românticos.

## Conclusão

Tendo em vista o principal objetivo deste estudo, que foi adaptar e buscar evidências de validade e fidedignidade da Escala da Vigilância Eletrônica Interpessoal para Redes Sociais para o contexto brasileiro, pode-se concluir que esse objetivo foi alcançado. Após uma ampla revisão da literatura referente ao construto, foi realizado um minucioso processo de tradução do instrumento para a língua portuguesa. Em seguida, estudos foram feitos em busca de evidências de validade baseadas na estrutura interna e relações com outras variáveis, além de indicadores de fidedignidade do instrumento, apresentando propriedades psicométricas satisfatórias.

Este estudo traz relações importantes com variáveis estudadas na psicologia, como *cyberstalking*, apego adulto, satisfação com o relacionamento romântico e autoestima. Esses resultados estão dentro do esperado e demonstram que o instrumento mede o que se propõe. Ademais, esse instrumento também se mostrou capaz de discriminar grupos. Foram encontradas diferenças entre homens e mulheres e entre grupo de parceiros amorosos que viveram o isolamento social separados desde 2020 até hoje e o grupo de parceiros amorosos que viveram o isolamento social morando juntos desde 2020 até hoje.

Este estudo é o primeiro que se propõe a buscar evidências de validade da Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais no Brasil. Diante das evidências de validade e das propriedades psicométricas encontradas, pode-se concluir que a Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais está apta para ser usada no contexto brasileiro.

Esse instrumento pode ser útil para, além de fins acadêmicos e de pesquisa, ser usado na clínica. A versão final da escala adaptada para o Brasil pode ser encontrada no Anexo A deste trabalho. Considera-se importante que novos estudos sejam desenvolvidos com a finalidade de aperfeiçoamento do instrumento, bem como, para buscar novas evidências de validade. Nesse sentido, pesquisas futuras podem testar o papel mediador da satisfação no relacionamento romântico e do grau de isolamento social durante a covid-19 na relação entre o apego adulto (ansioso/evitativo) e a vigilância eletrônica interpessoal nas redes sociais.

## Referências

- Ackerman, R. A., Witt, E. A., Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., & Kashy, D. A. (2011). What does the narcissistic personality inventory really measure? *Assessment*, 18(1), 67-87. <https://doi.org/10.1177/1073191110382845>
- Ainsworth, M. D. (1963). The development of infant-mother interaction among the Ganda. *Determinants of infant behavior*, 67-112.
- Ainsworth, M. D. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 792.
- Andrejevic, M. (2004). The work of watching one another: Lateral surveillance, risk, and governance. *Surveillance & Society*, 2(4), 479-497. <https://doi.org/10.24908/ss.v2i4.3359>
- Associação Médica Mundial. (1964). *Declaração de Helsinque: Princípios éticos para a pesquisa em seres humanos*. Helsinque. <https://www.ifgoiano.edu.br/home/images/Documentos/Pesquisa/CEP/DECLARAO-DE-HELSINQUE.pdf>
- Baker, C. K., & Carreño, P. K. (2016). Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 308-320. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0196-5>
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25(24), 3186-3191. <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014> .
- Beck, L. A., Pietromonaco, P. R., DeBuse, C. J., Powers, S. I., & Sayer, A. G. (2013). Spouses' attachment pairings predict neuroendocrine, behavioral, and psychological responses to marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(3), 388-424. <https://doi.org/10.1037/a0033056>
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Cyberstalking: The technology of hate. *The Police Journal*, 76(3), 204-221. <https://doi.org/10.1350/pojo.76.3.204.19>
- Bowlby, J. (1979). *2001) Formação e rompimento dos laços afetivos*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Apego e perda: Apego - A Natureza do Vínculo* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.

- Boyd, D. (2008). Why youth (heart) social network sites: The role of networked publics in teenage social life. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, Identity, and Digital Media* (pp. 2007-16). The MIT Press.
- Brisini, K. S. C., & Solomon, D. H. (2018). Relationship transitions for parents of children with autism spectrum disorder: Types, turbulence, and transition processing communication. *Journal of Applied Communication Research*, 46(4), 447-468. <https://doi.org/10.1080/00909882.2018.1498980>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research* (2nd ed.). New York: Guilford Publications.
- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Objetiva. ISBN: 8573023333
- Buunk, B. P., & Dijkstra, P. (2004). Gender differences in rival characteristics that evoke jealousy in response to emotional versus sexual infidelity. *Personal Relationships*, 11(4), 395-408. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2004.00089.x>
- Canezin, P. F. M. & Almeida, T. D. (2015). O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, 19(1), 142-155. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012)
- Cavezza, C., & McEwan, T. E. (2014). Cyberstalking versus off-line stalking in a forensic sample. *Psychology, Crime & Law*, 20(10), 955-970. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2014.893334>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2020, May). *Social distancing, quarantine, and isolation: Keep your distance to slow the spread*. <http://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/social-distancing.html>
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2016). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*. <https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2015/>
- Conejo, F. J., Rojas, W., Zamora, A. L., & Young, C. E. (2021). Development of a short scale to measure sustainable product involvement. *Revista Nacional de Administración*, 12(1). <http://dx.doi.org/10.22458/rna.v12i1.3503>
- Dainton, M., & Gross, J. (2008). The use of negative behaviors to maintain relationships. *Communication Research Reports*, 25, 179-191. <https://doi.org/10.1080/08824090802237600>
- Davis, K. E., Ace, A., & Andra, M. (2000). Stalking perpetrators and psychological maltreatment of partners: Anger-jealousy, attachment insecurity, need for control, and break-up context. *Violence and victims*, 15(4), 407-425. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11288938>.

- De Souza, G. V., Costa, L. L., & Pinto, S. (2022). O divórcio na pandemia do covid-19 e os reflexos no judiciário. *Semana Acadêmica Revista Científica* 10(221).
- Delacre, M., Lakens, D., & Leys, C. (2017). Why Psychologists Should by Default Use Welch's t-test Instead of Student's t-test. *International Review of Social Psychology*, 30(1), 92-101. <https://doi.org/10.5334/irsp.82>
- Derrick, B., Toher, D., & White, P. (2016). Why Welch's test is Type I error robust. *The Quantitative Methods for Psychology*, 12(1), 30-38.
- DeSteno, D., Valdesolo, P., & Bartlett, M. Y. (2006). Jealousy and the threatened self: Getting to the heart of the green-eyed monster. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(4), 626. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.4.626>
- Dewitte, M., Otten, C., & Walker, L. (2020). Making love in the time of corona—considering relationships in lockdown. *Nature Reviews Urology*, 17(10), 547-553. <https://doi.org/10.1038/s41585-020-0365-1>
- DiStefano, C., & Morgan, G. B. (2014). A comparison of diagonal weighted least squares robust estimation techniques for ordinal data. *Structural Equation Modeling*, 21(3), 425–438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Elphinston, R. & Noller, P. (2011). Time to face it! Facebook intrusion and implication for romantic jealousy and relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behaviour & Social Networking*, 14(11), 631-635. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0318>
- Etcheverry, P. E., Le, B., WU, T. F., & Wei, M. (2013). Attachment and the investment model: Predictors of relationship commitment, maintenance, and persistence. *Personal Relationships*, 20(3), 546-567. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2012.01423.x>
- Eterovic-Soric, B., Choo, K. K. R., Ashman, H., & Mubarak, S. (2017). Stalking the stalkers—detecting and deterring stalking behaviours using technology: A review. *Computers & Security*, 70, 278-289. <https://doi.org/10.1016/j.cose.2017.06.008>
- Fagundes, L. S. (2019). *Autoestima e bem-estar subjetivo no Instagram: O impacto da comparação social e da personalidade* [Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio]. Sistema Maxwell da PUC-Rio. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46666/46666.PDF>
- Feeney, J. A., Noller, P., & Roberts, N. (1998). Emotion, attachment, and satisfaction in close relationships. In *Handbook of Communication and Emotion*, 473–505. <https://doi.org/10.1016/B978-012057770-5/50020-5>
- Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5th ed.). SAGE Publications.
- Fox, J., Osborn, J., & Warber, K. (2014). Relational dialectics and social networking sites: The role of Facebook in romantic relationship escalation, maintenance, conflict and

dissolution. *Computers in Human Behavior*, 35, 527–534. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.02.031>

Freire, B., Machado, D., Queiroz, F., Bezerra, L., Freire, R. S., Vasconcelos, A. J., & Cruzy, K. (2010). *Paixão, ciúme e traição: a “liquidez” das relações humanas no ciberespaço*. In Intercom – Sociedade brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Org.). Anais do trigésimo terceiro Congresso Brasileiro da Comunicação, Divisão Temática DT 05 da Intercom Júnior - Comunicação Multimídia. XXXIII Congresso Brasileiro da Comunicação, Caxias do Sul. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0733-1.pdf>

Fuchs, C. (2009). *Social networking sites and the surveillance society: A critical case study of the usage of studiVZ, Facebook, and MySpace by students in Salzburg in the context of electronic surveillance*. Salzburg: Research Group UTI. <https://www.dhi.ac.uk/san/waysofbeing/data/citizenship-robson-fuchs-2009b.pdf>

Goodboy, A. K., Myers, S. A., & Members of Investigating Communication. (2010). Relational quality indicators and love styles as predictors of negative relational maintenance behaviors in romantic relationships. *Communication Reports*, 23, 65–78. <https://doi.org/10.1080/08934215.2010.511397>

Goodboy, A. K., & Bolkan, S. (2011). Attachment and the use of negative relational maintenance behaviors in romantic relationships. *Communication Research Reports*, 28, 327–336. <https://doi.org/10.1080/08824096.2011.616244>

Goodboy, A. K., Dillow, M. R., Knoster, K. C., & Howard, H. A. (2021). Relational turbulence from the COVID-19 pandemic: Within-subjects mediation by romantic partner interdependence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(6), 1800-1818. <https://doi.org/10.1177/02654075211000135>

Guerrero, L. K. (1998). Attachment-style differences in the experience and expression of romantic jealousy. *Personal Relationships*, 5, 273–291. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00172.x>

Guerrero, L. K., & Afifi, W. A. (1998). Communicative responses to jealousy as a function of self-esteem and relationship maintenance goals: A test of Bryson’s dual motivation model. *Communication Reports*, 11, 111–122. <https://doi.org/10.1080/08934219809367693>

Guillemin, F. Bombadier, C. & Beaton, D. (1993). Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. *Journal of Clinical Epidemiology*, 46(12), 1417-1432. [https://doi.org/10.1016/0895-4356\(93\)90142-N](https://doi.org/10.1016/0895-4356(93)90142-N)

Haack, K. R., & Falcke, D. (2012). Rel@cionamentos. com: diferenciando os relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet. *Revista Colombiana de Psicología*, 21(2), 31-44. <https://doi.org/10.15446/rcp.v26n1.53241>

Hargittai, E. (2007). Whose space? Differences among users and non-users of social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 276-297. <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/hargittai.html>.

- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions. *Academic Emergency Medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.52.3.511>
- Heatherton, T. F., & Wyland, C. L. (2003). Assessing self-esteem. In S. J. Lopez & C. R. Snyder (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 219–233). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10612-014>
- Hertlein, K. M., Dulley, C., Cloud, R., Leon, D., & Chang, J. (2017). Does absence of evidence mean evidence of absence? Managing the issue of partner surveillance in infidelity treatment. *Sexual and Relationship Therapy*, 32(3-4), 323-333. <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1397952>
- Hollist, C. S., Falceto, O. G., Seibel, B. L., Springer, P. R., Nunes, N. A., Fernandes, C. L. C., & Miller, R. B. (2016). Depressão pós-parto e satisfação conjugal: impacto longitudinal em uma amostra brasileira. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 11(38), 1-13. [https://doi.org/10.5712/rbmfc11\(38\)1044](https://doi.org/10.5712/rbmfc11(38)1044)
- Hutz, C. S. (2000). Adaptação brasileira da escala de auto-estima de Rosenberg. *Manuscrito não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.*
- Jayamaha, S. D., Girme, Y. U., & Overall, N. C. (2017). When attachment anxiety impedes support provision: The role of feeling unvalued and unappreciated. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 181-191. <https://doi.org/10.1037/fam0000222>
- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, 73(6), 1569-1605. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x>
- Kyriazos, T. A. (2018). Applied psychometrics: sample size and sample power considerations in factor analysis (EFA, CFA) and SEM in general. *Psychology*, 9(08), 2207. <https://doi.org/10.4236/psych.2018.98126>
- Lampe, C., Ellison, N. B., & Steinfield, C. (2006). A Face(book) in the crowd: Social searching vs. social browsing. *Proceedings of CSCW-2006 20th anniversary conference on Computer supported cooperative work* (pp.167-170). <https://doi.org/10.1145/1180875.1180901>
- Leplège, A., & Verdier, A. (1994). A adaptação das medidas do estado de saúde. Uma discussão de alguns aspectos metodológicos do procedimento de tradução. In: Shumaker S, Berzon R, Ed. *A avaliação internacional da qualidade de vida relacionada à saúde: teoria, tradução, medição e análise*. Comunicações rápidas de Oxford, Oxford.



- Ligman, K., Rodriguez, L. M., & Rocek, G. (2021). Jealousy and electronic intrusion mediated by relationship uncertainty in married and cohabiting couples during Covid-19. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(7), 444-449. <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0669>
- Lomanowska, A.M., & Guitton, M.L., (2016). Online intimacy and well-being in the digital age. *Internet Interventions*, 4, 138-144. <http://doi.org/10.1016/j.invent.2016.06.005>
- Londero-Santos, A., Pereira Neto, J. C., & Natividade, J. C. (2017). Satisfação conjugal e coping diádico como preditores do bem-estar subjetivo. *Pôster apresentado na 47ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, SP*.
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Carneiro, T. F. (2020). Attachment and Relationship Satisfaction: Mediating Role of Perception of the Partner's Investment. *Journal of Relationships Research*, 11(13). <https://doi.org/10.1017/jrr.2020.13>.
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Carneiro, T. F. (2021). Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso [A measure of relationship satisfaction]. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 20(1), 11-22. <https://doi.org/10.15689/ap.2021.2001.18901.02>
- Lukacs, V., & Quan-Haase, A. (2015). Romantic breakups on Facebook: New scales for studying post-breakup behaviors, digital distress, and surveillance. *Information, Communication & Society*, 18(5), 492-508. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1008540>
- Lyndon, A., Bonds-Raacke, J., & Cratty, A. (2011). College Students' Facebook Stalking of Ex-Partners. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(12), 711-716. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0588>
- March, E., Litten, V., Sullivan, D. H., & Ward, L. (2020). Somebody that I (used to) know: Gender and dimensions of dark personality traits as predictors of intimate partner cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 163, 110084. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110084>
- Marcum, C. D., & Higgins, G. E. (2021). A systematic review of cyberstalking victimization and offending behaviors. *American Journal of Criminal Justice*, 46, 882-910. <https://doi.org/10.1007/s12103-021-09653-6>
- Marshall, T. C. (2012). Facebook surveillance of former romantic partners: Associations with postbreakup recovery and personal growth. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(10), 521–526. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0125>
- Marshall, R. C., Benjanyan, K., Di Castro, G., & Lee, R. A. (2013). Attachment styles as predictors of Facebook-related jealousy and surveillance in romantic relationships. *Personal Relationships*, 20, 1–22. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2011.01393.x>

- Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. D. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33, 16-31. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100003>
- McDaniel, B.T., & Coyne, S.M. (2016). Technoference: The Interference of Technology in Couple Relationships and Implications for Women's Personal and Relational Well-Being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85. <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- McNeish, D. (2018). Thanks coefficient alpha, we'll take it from here. *Psychological Methods*, 23(3), 412. <https://doi.org/10.1037/met0000144>
- McNulty, J. K., Wenner, C. A., & Fisher, T. D. (2016). Longitudinal associations among relationship satisfaction, sexual satisfaction, and frequency of sex in early marriage. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 85-97. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0444-6>
- Meraz, M. G. (2020). Incertidumbre: Efectos del Apego Romántico sobre la Vigilancia de la pareja en Redes. *Acta de investigación psicológica*, 10(1), 69-79. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2020.1.334>
- Muise, A., Christofides, E., & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does Facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? *CyberPsychology & Behavior*, 12, 441-444. <https://doi.org/10.1089/cpb.2008.0263>
- Muise, A., Christofides, E., & Desmarais, S. (2014). Creeping or just information seeking? Gender differences in partner monitoring in response to jealousy on Facebook. *Personal Relationships*, 21(1), 35-50. <https://doi.org/10.1111/pere.12014>
- Mund, M., & Johnson, M. D. (2021). Lonely me, lonely you: Loneliness and the longitudinal course of relationship satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, 22(2), 575-597. <https://doi.org/10.1007/s10902-020-00241-9>
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: Versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26, 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- Orth, U., & Robins, R. W. (2014). The development of self-esteem. *Current directions in psychological science*, 23(5), 381-387. <https://doi.org/10.1177/0963721414547414>
- Overall, N. C., Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Fillo, J. (2015). Attachment insecurity, biased perceptions of romantic partners' negative emotions, and hostile relationship behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108(5), 730. <https://doi.org/10.1037/a003898>
- Overall, N. C., Chang, V. T., Pietromonaco, P. R., Low, R. S., & Henderson, A. M. (2020). Whose relationships are vulnerable during Covid-19 quarantines? Partners' attachment anxiety and stress predict poorer relationship functioning. *Open Science Foundation*. <https://files.osf.io/v1/resources/7cvdm/providers/osfstorage/5f2f6020479288008585c561>.

- Phillips, M., & Spitzberg, B. (2009). MySpace or yours? Social networking sites surveillance in romantic relationships. In *Annual Meeting of the Western States Communication Association*, Mesa, AZ. [www.westcom.org](http://www.westcom.org).
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the Covid-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2001). A study of women who stalk. *American Journal of Psychiatry*, 158(12), 2056-2060. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.158.12.2056>
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the Twilight Zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior*, 33(1), 1–25. <https://doi.org/10.1080/01639625.2010.538364>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York, USA: Basic Books, 1979, 319 pp. ISBN-10 046501352: X. ISBN-13 978-0465013524
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357-387. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>
- Rusbult, C. E., Agnew, C., & Arriaga, X. (2011). The investment model of commitment processes. *Department of Psychological Sciences Faculty Publications*, 26. <https://doi.org/10.4135/9781446249222.n37>
- Sánchez Herrero, M. (2011). Apego en la infancia y apego adulto: influencia en las relaciones amorosas y sexuales.
- Schultheisz, T. S. D. V., & Aprile, M. R. (2015). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 5, 36-48. <https://doi.org/10.17921/2176-9524.2013>
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In R.J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp.7-25). The Guilford Press.
- Shafer, J., May, R. W., & Fincham, F. D. (2022). Exploring Temporal Evaluations of Interpersonal Social Media Surveillance During the Covid-19 Lockdown. *Emerging Adulthood*, 10(1), 282-290. <https://doi.org/10.1177/21676968211046073>

- Shaver, P., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 68–99). Yale University Press.
- Sheridan, L. P., & Grant, T. (2007). Is cyberstalking different? *Psychology, Crime & Law*, 13(6), 627-640. <https://doi.org/10.1080/10683160701340528>
- Sheridan, L., & Lyndon, A. E. (2012). The influence of prior relationship, gender, and fear on the consequences of stalking victimization. *Sex Roles*, 66, 340-350. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9889-9>
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Strauss, C. (2015). Stalking in college student dating relationships: A descriptive investigation. *Journal of Family Violence*, 30, 935-942. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9717-7>
- Silva, P. G. N., da Fonseca, P. N., de Medeiros, E. D., Couto, R. N., & Pereira, R. S. (2021). Intimate Partner Cyberstalking Scale (IPCS): Evidências Psicométricas no Brasil [Escala de acoso cibernético de pareja íntima (IPCS): evidencia psicométrica em Brasil]. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 2(59), 5-17. <https://doi.org/10.21865/RIDEP59.2.01>
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter?. *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.10.015>
- Smoker, M., & March, E. (2017). Predicting perpetration of intimate partner cyberstalking: Gender and the dark tetrad. *Computers in Human Behavior*, 72, 390-396. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.03.012>
- Solomon D. H., Priem J. S. (2016). Outcomes of emotional support in dating relationships: Relational turbulence or sentiment override? *Personal Relationships*, 23(4), 698–722. <https://doi.org/10.1111/pere.12155>
- Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. D. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 71–92 <https://doi.org/10.1177/1461444022222627>
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2007). The state of the art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12(1), 64-86. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.05.001>
- Strawhun, J., Adams, N., & Huss, M. T. (2013). The assessment of cyberstalking: An expanded examination including social networking, attachment, jealousy, and anger in relation to violence and abuse. *Violence and Victims*, 28(4), 715-730. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.11-00145>
- Tavakol, M., & Dennick, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International Journal of Medical Education*, 2, 53. <https://doi.org/10.5116/ijme.4dfb.8dfd>

- Tokunaga, R. S. (2011). Social networking site or social surveillance site? Understanding the use of interpersonal electronic surveillance in romantic relationships. *Computers in Human Behavior*, 27(2), 705–713. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.08.014>
- Tokunaga, R., & Gustafson, A. (2014). Seeking interpersonal information over the Internet: An application of the theory of motivated information management to Internet use. *Journal of Social & Personal Relationships*, 31(8), 1019–1039. <https://doi.org/10.1177/0265407513516890>
- Tokunaga, R. S. (2016). Interpersonal surveillance over social network sites: Applying a theory of negative relational maintenance and the investment model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(2), 171–190. <https://doi.org/10.1177/0265407514568749>
- Tokunaga, R. S., & Aune, K. S. (2017). Cyber-defense: A taxonomy of tactics for managing cyberstalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(10), 1451–1475. <https://doi.org/10.1177/0886260515589564>
- Tong, S.T. (2013). Facebook use during relationship termination: uncertainty reduction and surveillance. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(11), 788–793. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0549>
- Torres, A.; Robles, J.M.; De Marco, S. El (2014). Ciberacoso Como Forma de Ejercer la Violencia de Género en la Juventud: Un Riesgo en la Sociedad de la Información y del Conocimiento [Cyberbullying as a Way of Exercising Gender Violence Against Young People: A Risk in the Information and Knowledge Society]; *Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad, Centro de Publicaciones: Madrid, Spain*.
- Treter, M. O. R., River, L. M., & Markman, H. J. (2021). Supporting romantic relationships during Covid-19 using virtual couple therapy. *Cognitive and Behavioral Practice*, 28(4), 597–607. <https://doi.org/10.1016/j.cbpra.2021.02.002>
- U.S. Census Bureau (2018, November). *Families and Living Arrangements Tables*. <https://www.census.gov/newsroom/press-releases/2018/families.html>
- VassarStats. (n.d.). *User-friendly tool for performing statistical computation*. [http://www.vassarstats.net/index.html](https://http://www.vassarstats.net/index.html)
- Vigl, J., Strauss, H., Talamini, F., & Zentner, M. (2022). Relationship satisfaction in the early stages of the Covid-19 pandemic: A cross-national examination of situational, dispositional, and relationship factors. *Plos One*, 17(3), e0264511. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0264511>
- Walther, J. B., Van Der Heide, B., Kim, S.-Y., Westerman, D., & Tong, S. (2008). The role of friends' appearance and behavior on evaluations of individuals on Facebook: Are we known by the company we keep? *Human Communication Research*, 34(1), 28–49. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2007.00312.x>

- Wang, W., Zhou, M., & Zhang, Z. (2017). Can insecurely attached dating couples get compensated on social network sites? The effect of surveillance. *Computers in Human Behavior*, 73, 303-310. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.03.046>
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187- 204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>.
- Weiser, D. A., & Weiser, D. J. (2016). Self-efficacy in romantic relationships: Direct and indirect effects on relationship maintenance and satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 89, 152-156. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.10.013>
- World Health Organization. (2020, December). *A year without precedent: WHO's COVID-19 response*. <https://www.who.int/news-room/spotlight/a-year-without-precedent-who-s-covid-19-response>

## ANEXOS

## ANEXO A: Escala de Vigilância Eletrônica Interpessoal para as Redes Sociais



Itens	Discordo Fortemente	Discordo	Discordo parcialmente	Nem concordo nem	Concordo parcialmente	Concordo	Concordo Fortemente
1. Eu visito o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a) frequentemente.	1	2	3	4	5	6	7
2. Quando visito o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a), vejo as novas postagens de seus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu frequentemente passo tempo olhando as publicações do(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
4. Eu particularmente presto bastante atenção às atualizações relacionadas ao(à) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu percebo quando meu(minha) parceiro(a) atualiza seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu geralmente estou ciente sobre as relações entre meu(minha) parceiro(a) e seus amigos da rede social.	1	2	3	4	5	6	7
7. Se há mensagens no(s) perfil(is) do meu(minha) parceiro(a) que eu não entendo, eu tento investigá-las.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu tento ler os comentários que meu(minha) parceiro(a) publica nas postagens dos perfis de	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu geralmente estou ciente das atividades no(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu examino a página da rede social do(a) meu(minha) parceiro(a) para ver o que ele(a) está	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu vejo os amigos que meu(minha) parceiro(a) mantém em seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is).	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu sei quando meu(minha) parceiro(a) não atualiza seu(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) há	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu tento monitorar os comportamentos do(a) meu(minha) parceiro(a), por meio de seu(s)	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu exploro o(s) perfil(is) da(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a) para ver	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu sei mais sobre a vida cotidiana do(a) meu(minha) parceiro(a) vendo o(s) seu(s)	1	2	3	4	5	6	7
16. Essa é apenas uma frase controle, por favor, assinale como resposta o número dois.	1	2	3	4	5	6	7
17. Hoje mesmo eu chequei a(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
18. Nesta semana eu já verifiquei a(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
19. Eu nunca chequei a(s) rede(s) social(is) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5	6	7
20. Esta é apenas uma frase de controle, por favor, marque como resposta o número seis.	1	2	3	4	5	6	7

**Cálculo**

As pontuações totais são calculadas por soma das respostas dos 15 itens, com pontuações mais altas indicando maiores níveis da vigilância eletrônica interpessoal.